

do outro lado

Fronteiras do Global: Uma aproximação a Tijuana



do outro lado

Fronteiras do Global: Uma aproximação a Tijuana

Prova final de Licenciatura em Arquitectura

Sob a orientação do Prof. Doutor António José Bandeirinha

Maria Catarina Bota Vasques Leal

DARQ. FCTUC. Coimbra. 2008



SUMÁRIO

Introdução	7
I. Fronteiras do Global	13
1.1 O mundo sem fronteiras	14
1.2 As fronteiras ainda existem	25
II. Fronteira México – Estados Unidos	31
2.1 Uma linha que é fronteira	32
2.2 Pontos que são cidades	39
III. Bienvenidos a Tijuana / Welcome to Tijuana	45
3.1 Recortes históricos	48
3.2 Colagens urbanas	55
3.3 Duas formas de habitar	63
Conclusão	81
Bibliografia	89
Créditos Fotográficos	93
Agradecimentos	94

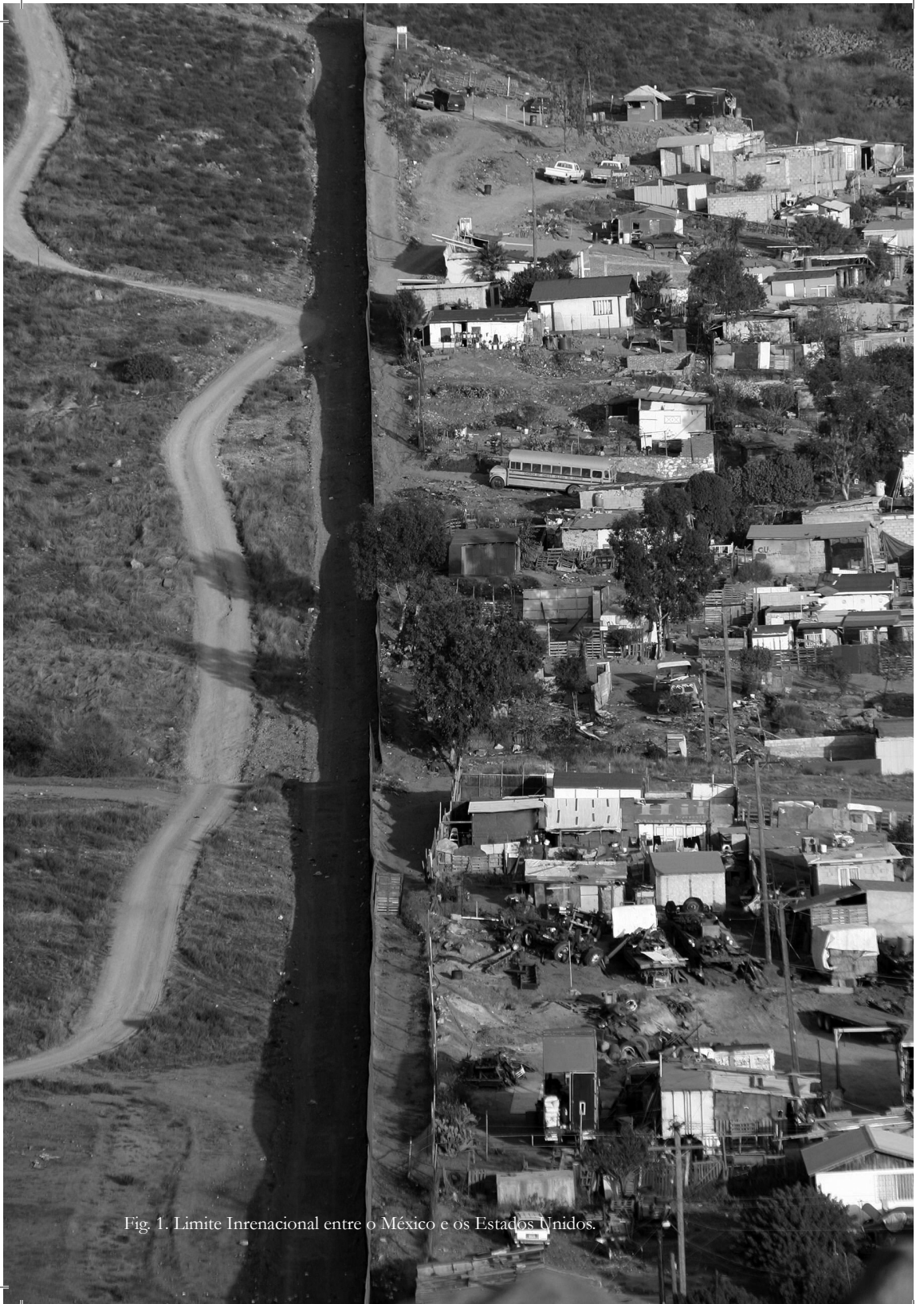


Fig. 1. Limite Inrenacional entre o México e os Estados Unidos.

0. Introdução

“O mais importante não é a arquitectura, mas a vida, os amigos e este mundo injusto que devemos modificar.” Niemeyer

Se em alguns instantes do nosso dia-a-dia, ainda podemos desfrutar de imagens que valem mais do que mil palavras. Foi sem dúvida uma dessas imagens que surgiu projectada no ecrã do meu computador, aquando de uma viagem virtual pela Internet, como um pássaro que sobrevoa cidades. A imagem é intrigante: Tijuana, uma cidade que cresce encostada a um muro fronteiriço, e que parece viver em constante esforço para o empurrar, crente que a qualquer instante poderá pertencer ao lado de lá.

Vários foram os livros, abordagens teóricas, fotografias e filmes que me levaram a criar uma imagem mental da cidade.

Frases soltas e algo contraditórias insistiam em interromper os meus pensamentos, *“A cidade mais feia do mundo”*; *“A cidade mais visitada do mundo”*; *“A cidade das farmácias”*; *“A cidade mais violenta da América latina”*; *“A fronteira mais traficada do mundo”*; ou até mesmo *“quem não conhece Tijuana, não conhece o mundo”*.

Como arquitectos que construímos o habitável, é-nos essencial pensar o estado do mundo, de forma a apontar e tentar prever problemas iminentes. Acredito que é sobretudo nesses problemas que nos devemos debruçar incessantemente, tentando encontrar soluções.

A viagem e o contacto real com diversas culturas, sociedades, países, cidades e pessoas, permite de forma genuína uma aproximação e compreensão a diversas formas de habitar e construir o habitável, mesmo consciente que esse conhecimento nunca na verdade pode ficar completo.

Quando atravessei o Oceano, a imagem mental que tinha de Tijuana estava construída enquanto uma cidade perigosa, repleta de histórias e símbolos, com um centro histórico consolidado, onde turistas e nativos encenavam coreografias diferentes no mesmo palco de dança.

Mas foi pouco o que correspondeu à realidade. A cidade que eu tinha imaginado não era Tijuana, mas apenas uma das tantas cidades que construo diariamente no meu imaginário, baseadas em ideias pré-concebidas e lidas em algum lado.

“Ainda de olhos postos nas torres do downtown de Los Angeles, começo a viagem. Três horas me separam de Tijuana, estou cansada, mas não posso adormecer. Quero ver tudo e encontrar significado em tudo o que vejo.

O tempo parece voar. Percorro com os olhos paisagens que reconheço com facilidade de muitos filmes e descritas em muitos livros, mas tento abstrair-me... Coloco-me confortável e deixo que tudo apareça a seu tempo.

Passadas algumas horas, atravesso a fronteira. A imagem de Tijuana surge sob a forma de um aglomerado de construções com pouca definição.

Chego ao albergue, ainda é cedo, decido ir dar uma volta de reconhecimento. Saio e pergunto

à primeira pessoa com quem me cruço, onde é o centro e onde andam os turistas?''⁷

“Globalização” é uma palavra que parece ter chegado, nas últimas décadas, aos ouvidos e discursos de todos. Nesta palavra procura-se a resposta a questões actuais, questões essas que caracterizam o mundo tal como ele é hoje. O conceito de globalização ajuda a explicar e a justificar as inúmeras reestruturações que têm vindo a redesenhar o mundo. Torna-se, por isso, interessante compreender e perspectivar a importância do fenómeno, segundo diferentes áreas disciplinares e, por outro lado, analisar de que forma esta interdisciplinaridade é imprescindível à melhor compreensão do termo. Na verdade, políticos, economistas, geógrafos, sociólogos, antropólogos e mesmo arquitectos procuram dar forma ao conceito através de estudos e opiniões, tentando prever oportunidades, compreender problemas e encontrar soluções.

O mundo actual que se diz sem fronteiras é desenhado pelas economias globais e pela evolução tecnológica verificada nos domínios dos transportes e das telecomunicações. Esta redefinição veio virtualmente a marcar uma nova época na história da humanidade (WIRTH, 2001:47). Desde então imagens, pessoas, serviços e bens passaram a atravessar continentes e oceanos, modificando geografias, culturas, políticas e economias, que passaram a ser conjugados com o auxiliar global.

Novos nós de conexão mundiais, vieram a acentuar “o papel das cidades como elementos dominantes na nossa civilização e fez expandir notavelmente o modo de vida urbano para além dos limites físicos da própria cidade”

7 Diário de bordo da autora, Tijuana, Baja Califórnia, México, 13.03.08.

(ibidem).

Se por um lado empresas de países desenvolvidos tiram proveito de cidades de países em vias de desenvolvimento, numa busca incessante e calculista de facilitismos e lucros, por outro lado, emigrantes clandestinos de países pobres procuram a sorte e assumem o risco, em movimentos contrários, em busca do mundo dos sonhos e das novas oportunidades.

Muitas são, as dúvidas que se levantam, num momento da história onde a proximidade entre países é cada vez menor. Qual o novo significado da noção de fronteira, e de que forma se desenham hoje os limites de cada território, são apenas algumas das questões que procuram resposta. No entanto, prevalece a certeza de que as fronteiras ainda existem, e muitas são as que se traduzem sob a forma de “zonas de conflito”, que ainda nos fazem parar e por vezes ficar de um dos lados.

A fronteira entre o México e os Estados Unidos resulta num ótimo exemplo onde facilmente se podem visualizar tais mudanças de uma forma bruta e radical. Esta linha internacional desenha-se sobre a forma de um muro que tanto une como separa um país desenvolvido de um país em vias de sê-lo. Esta região de fronteira é formada por catorze cidades gémeas que nasceram no limiar da fusão entre estes dois países, e caracteriza-se pelas suas diversidades culturais, ideologias políticas e economias próprias, que originaram, por assim dizer, uma espécie de elo fomentado por relações que oscilam entre a intimidade e a promiscuidade. Estas cidades que palpitam diariamente de um lado e doutro da fronteira, são apenas uma pequena amostra das relações transnacionais e de interdependências que se operam e se vêm esboçadas por todo o mundo.

Tijuana é o exemplo exímio de cidade que da melhor forma pode ilustrar os

sintomas da aproximação e do contacto diários com uma grande potência mundial, os Estados Unidos. Com efeito, é indiscutível a utilidade em compreender a história desta cidade, que fez da sua localização a razão da sua existência. Que cidade é esta que se desenha importante num panorama mundial e que, paradoxalmente, vive a realidade diária de um muro que a vigia, que a interroga e que apenas tem um sim ou não como resposta? De que forma esta barreira física se tornou um factor estruturante na organização do tecido urbano? De que forma este muro pode vir a reflectir ou antecipar potenciais transformações da actual noção de casa, cidade e território?

A abordagem teórica que aqui proponho, tem estas e outras questões como base fundamental para uma reflexão acerca do espaço transnacional de permanente troca cultural, económica e social, que resulta numa experiência única de vivência e existência, e onde a tradicional noção de fronteira se esbate e redefine. Estas questões inspiraram-me, de igual forma, a empreender uma viagem a Tijuana que se revelou essencial para abordar de forma mais clarividente este tema.

“ Eu na verdade estava no centro da cidade, mas não o reconheci, e os turistas eram poucos, ou mesmo nenhuns.”⁸

8 Diário de bordo da autora, Tijuana, Baja Califórnia, México, 13.03.08.



I. Fronteiras do Global

“Quem julga que o seu país é aprazível encontra-se ainda num estado de imaturidade; quem considera qualquer país igual ao seu já pode considerar-se um indivíduo maduro; mas é apenas perfeito quem julga que o mundo inteiro é um país estrangeiro.” (MCGRANE, *in* FEATHERSTONE, 2001:83)

São vários os factores que ao longo das últimas décadas têm vindo a desenhar o mundo que hoje conhecemos (ou estranhamos). As mudanças estruturais, indissociáveis dos novos discursos que remetem para a neutralização geográfica ou para novas geografias de poder, colocam-nos diante dos olhos a imagem aliciante de um novo mundo sem fronteiras. Importante se torna, por isso, reflectir acerca de como é que tais mutações têm construído a nossa história, e de que forma estas se têm vindo a rever, não como mera referência “temporal ou cronológica, mas também espacial e relacional.” (SAKAI, *in* FEATHERSTONE, 2001:86)

Desta forma, nos últimos anos verificou-se uma necessidade de rever e reflectir sobre as zonas limítrofes de cada país, assim como pensar o novo significado da noção de fronteira territorial.

1.1 O Mundo sem Fronteiras

“(…) o mundo é um espaço único e o globo tem vindo a ser comprimido, a ponto de formar um só lugar.” (FEATHERSTONE, 2001:87)

O conceito de Globalização é hoje central nas discussões e estudos das várias áreas e disciplinas. De forma controversa, mas aceite, o termo constitui uma parte das ideias dominantes das duas últimas décadas. Na verdade, foi sobretudo a partir dos anos 90 que a discussão em torno desta formulação se intensificou, mas é necessário recuar à época de ouro das navegações marítimas para entender plenamente a palavra. As viagens de circum-navegação permitiram um primeiro reconhecimento físico do mundo, das suas delimitações geográficas e dos primeiros intercâmbios entre povos.

Séculos depois das primeiras expedições marítimas, estes intercâmbios têm vindo a intensificar-se sobretudo a nível económico, daí que o termo tenha sido descrito pelo economista Levitt (1983) como a convergência dos mercados do mundo inteiro. Não estamos de certo a viver a economia mundial que existe desde o século XVI, nem de uma economia submetida a processos de internacionalização da actividade, mas de uma nova realidade, onde a economia, em que as actividades estrategicamente dominantes funcionam como unidade a nível planetário em tempo real ou potencialmente real. (BORJA, CASTELLS, 1997:25-26)

Vários foram os factores que vieram a possibilitar o estreitamento das relações entre os países e os povos. A globalização permitiu uma redução dos custos dos transportes e da comunicação, assim como a destruição das barreiras

artificiais a circulação transfronteiriça de mercadorias, serviços, capitais, conhecimentos e (em menor escala) pessoas. (STIGLITZ, 2003:113)

A revolução industrial veio cimentar e reforçar esta tendência, criando possibilidades tecnológicas que posteriormente vieram a desenhar as características do mundo que conhecemos hoje. A “Máquina” ficou desde então criada, e a velocidade começou a assumir e a caracterizar a nova sociedade, alterando a fisionomia do mundo ocidental e redesenhando ainda hoje geografias, mentalidades, e práticas sociais.

Tais mutações vieram a codificar as atitudes do ser humano, somente possíveis de descodificar, no momento de compreender as suas novas formas de produzir, consumir, gerir, informar e pensar (*ibidem*). No momento de tornar claro o novo sistema, ou por outras palavras, a nova ordem mundial, a globalização surge como personagem principal num cenário mundial.

A economia internacional tem vindo a registar transformações consideráveis através da implementação de um sistema de produção cada vez mais integrado à escala global. A hiperactividade de um mercado globalizado tem-se revelado decisiva na perda de importância das fronteiras pela intensificação dos fluxos transnacionais. Este não é de forma alguma um fenómeno novo. Pelo contrário está enraizado há muito na própria dinâmica do capitalismo, como Marx, já o destacava há 150 anos.

Na verdade, os mercados financeiros globais movimentam hoje valores muito mais elevados do que acontecia quando primeiramente se pensou numa economia à escala global. Mas foi sobretudo no período de pós-guerra que o fenómeno se estabeleceu com toda a sua força, nomeadamente através de empresas americanas impulsionadas por um novo contexto de liberalização institucionalizada das trocas e activada pela grande alavanca que foi o desenvolvimento das telecomunicações.

Ontem o telégrafo, hoje o satélite e a Internet, permitiram propagar as notícias e a comunicação entre mercados financeiros a uma velocidade impressionante e assustadora se pensarmos na expressão metafórica de “como um simples premir de botão” pode controlar ou destabilizar economias a nível mundial.

“A globalização permite a cada um de nós, onde quer que vivamos, alcançar qualquer ponto por mais distante que seja, em torno do mundo, de forma mais rápida, mais profunda, e mais barata do que anteriormente”. (FRIDEMAN, 2000:167)

Ainda que a leitura das novas realidades proporcionadas pela globalização seja controversa e de contornos difusos, é consensual que a intensificação das actividades das empresas multinacionais veio a modificar completamente a natureza das relações entre os estados e a forma de integração nos diversos espaços económicos. Este factor levou a uma aparente perda da soberania das nações, tornando-as, como refere Ohmae, em meras *ficções*. (1995:45)

Manuel Castells sustenta uma visão aproximada, mas com um enfoque menos dramático. Para este autor, os Estados-nação caracterizam-se por uma interdependência multilateral cada vez maior entre si, na medida que apresentam um quadro difuso de uma política externa com geometrias cada vez mais variáveis no espectro da globalização económica, tecnológica, cultural, política e institucional, marcada pela evolução e pela difusão do conhecimento científico e tecnológico, pela avançada informática e pelo surgimento das grandes redes de computação, pelo rápido incremento dos transportes e das telecomunicações. (CASTELLS, 1998:306-310) Trata-se, no fundo, de constatar um aumento na capacidade de armazenamento e processamento e no fluxo contínuo de informações que se traduzem na incapacidade crescente de qualquer estado agir por conta própria na arena

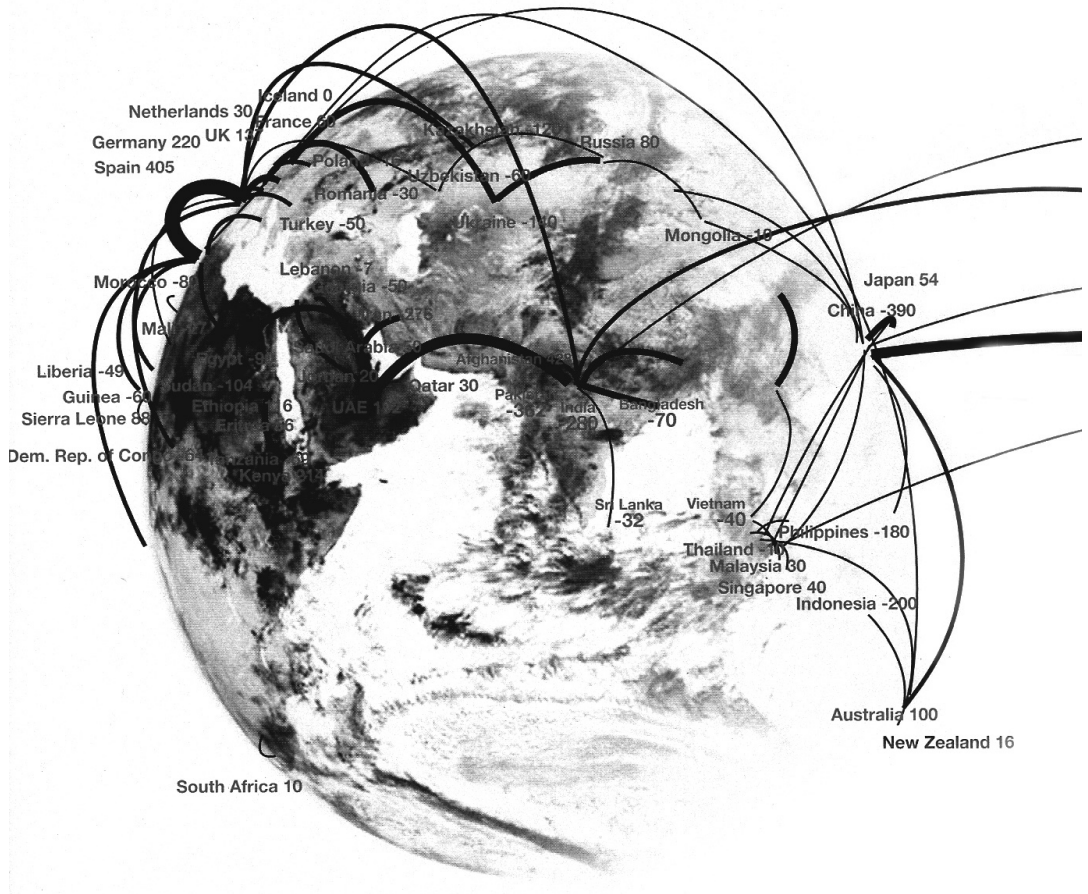
internacional (*ibidem*).

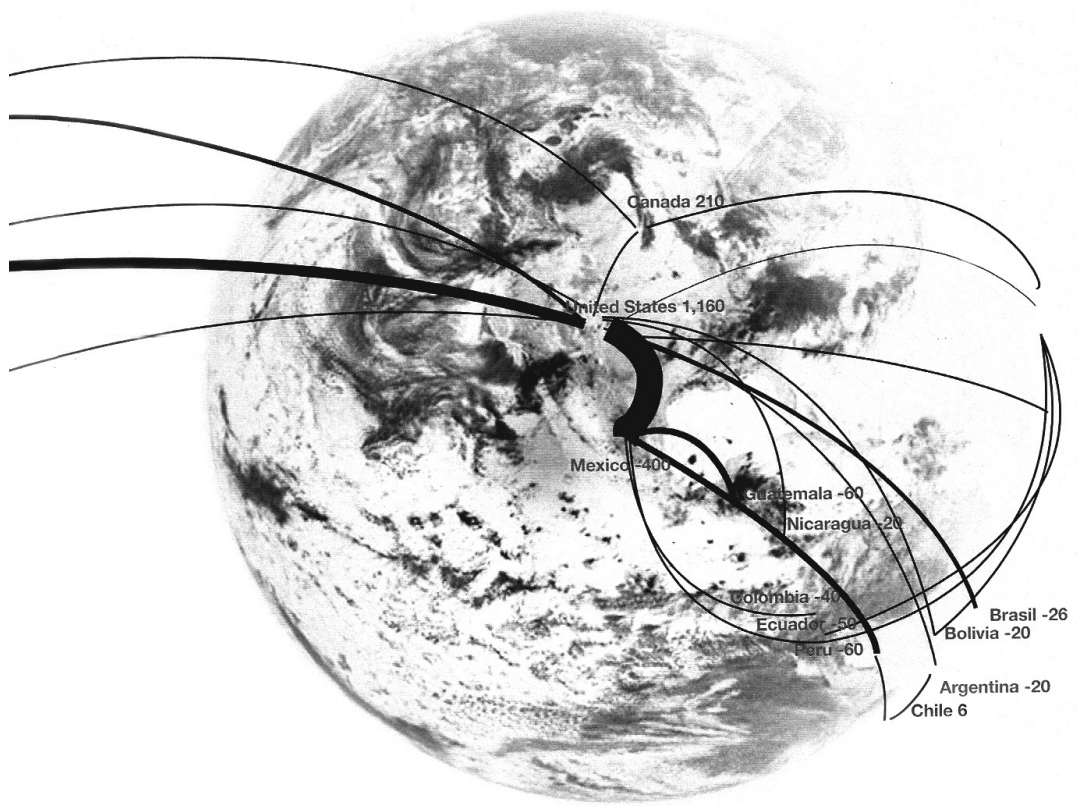
Desta forma, a globalização não se apresenta como um processo simples nem apenas um fenómeno de natureza económica, mas revela-se uma complexa rede de processos. O sociólogo americano, Daniel Bell aborda igualmente esta questão quando diz que os países se tornam demasiado pequenos para solucionarem os grandes problemas, mas também demasiado grandes para solucionarem os problemas pequenos. (GIDDENS, 2000:12)

A revolução tecnológica, resultante de uma série de novas possibilidades comunicativas, teve na verdade um impacto significativo na forma como se projecta o novo mundo. A vivência em sociedade exige que nos familiarizemos com uma série de dispositivos de informação e comunicação, aproximando-nos cada vez mais de uma realidade fortemente computorizada.

Face a esta leitura, torna-se pertinente reconhecer que uma das prováveis conseqüências desta intensificação dos fluxos transnacionais, não só alteraram profundamente a noção de fronteira nacional como também contribuíram para a intensificação do crescimento insustentável das cidades, que já não são unicamente o lugar de habitação e de trabalho do homem moderno, mas também o centro que põe em marcha e controla a vida económica, política e cultural, que atraiu à sua órbita as mais remotas regiões do globo, configurando um universo articulado de uma enorme variedade de áreas, povos e actividades. (WIRTH, 2001:45) Tais transformações vieram a desenhar novos contornos, que originou a entrada num novo tipo de sociedade que poderia denominar-se como *A sociedade de Fluxos*. (BORJA, CASTELLS, 1997:30) Verifica-se, assim a possibilidade de novas interligações segundo uma estrutura de redes organizadas a nível planetário.

Fig. 2. Média Anual de Migraçõesw 2000-2005 (milhares)





A imagem de que o planeta é assimetricamente interdependente e essa interdependência se articula quotidianamente em tempo real, através das novas tecnologias de informação e comunicação veio a traduzir-se num fenómeno historicamente novo que abre caminho a uma nova era da história da humanidade. (BORJA, CASTELLS, 1997:21)

Estes complexos territórios de rede e nós segundo o qual se criaram geometrias de inter-conexões, foram essenciais como geradoras de conhecimento e processadoras de informação. Esperar-se-ia que esta facilidade de comunicações e ligação entre espaços, associada à crescente capacidade tecnológica de trabalhar e interagir à distância, poderia tender a uma diluição dos fluxos migratórios transnacionais e conseqüentemente à diminuição da densidade dos aglomerados urbanos. Mas ao contrário do previsto, estes fluxos foram inflacionados.

E se, na verdade, a globalização, como defendem alguns teóricos, criou um mundo de vencedores e vencidos, estas movimentações traduzem-se em fluxos e intercâmbios, entre países em vias de desenvolvimento (os vencidos) para países desenvolvidos (os vencedores), e vice-versa, o que veio a evidenciar forçosamente as diferenças entre os países.

Esta imagem de fluxos que atravessam continentes e oceanos, é igualmente defendida na abordagem teórica de Teddy Cruz⁷, que afirma estar a ser desenhada uma nova linha, correspondente a um novo equador, onde se localiza o mais contestado limiar crítico da actual geografia socio-política

⁷ CRUZ, Teddy é professor associado de Cultura Pública e Urbanismo do Departamento de Artes Visuais da Universidade da Califórnia, San Diego. Foi reconhecido internacionalmente pelas suas investigações urbanas em torno da fronteira Tijuana – San Diego, onde trabalhou com a ONG – Casa Familiar.

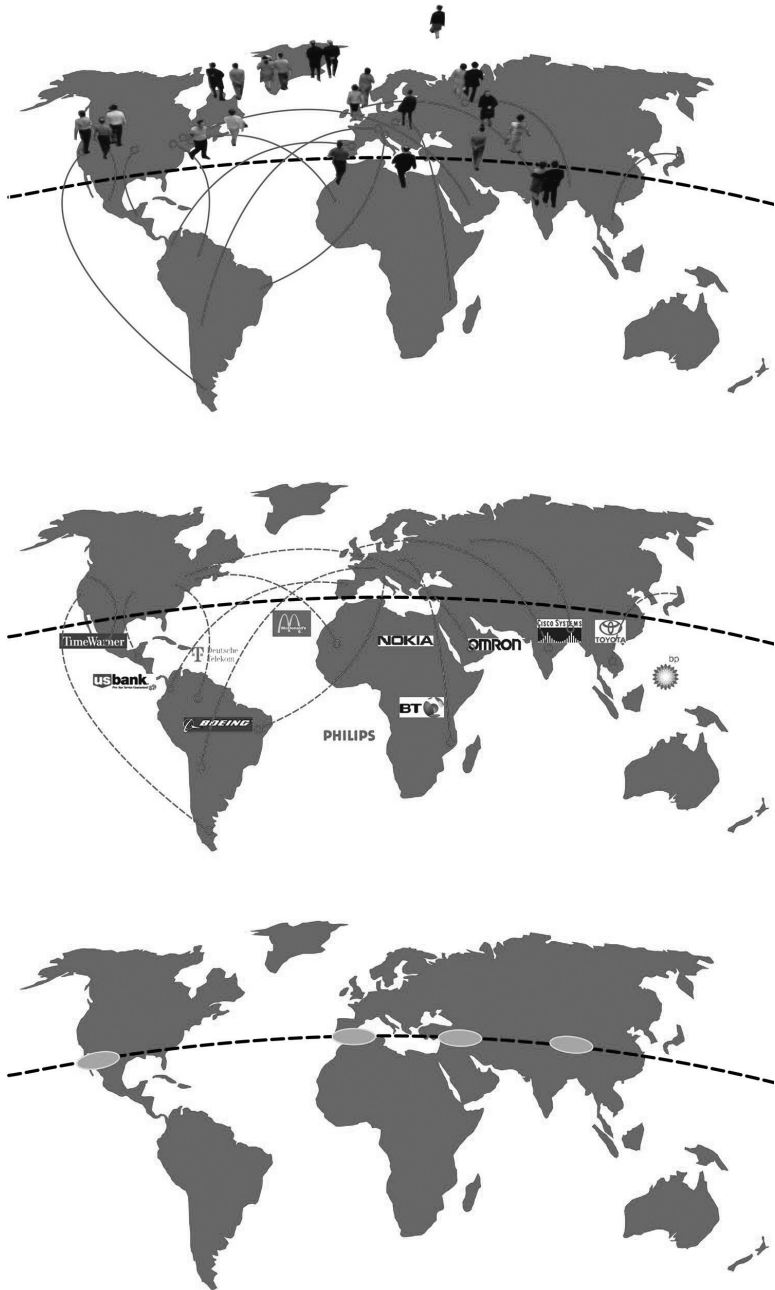
global. Esta linha é basicamente uma representação da divisão entre os dois hemisférios, que se veio a acentuar substancialmente após os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001.

Trata-se de uma delimitação desenhada segundo a união de vários pontos/regiões, que o autor acima referido identifica como “zonas de conflito”. São elas a fronteira entre o México e os Estados Unidos, com principal enfoque para a zona onde se localizam as cidades de San Diego e Tijuana, que Cruz defende ser o mais intensificado funil migratório da América Latina para os Estados Unidos da América. O Estreito de Gibraltar, onde enormes vagas de imigrantes, sobretudo africanos, entram na Europa, assim como a física e emblemática divisão no Médio Oriente, a fronteira entre Israel e a Palestina, são outros pontos de tensão do planeta.

Para Cruz, é ao longo desta “fronteira mundial” que se vive a mais dramática dinâmica socio-económica global. Se o movimento Sul-Norte é descrito por correntes ilegais de indivíduos à procura do mundo prometido, como se de uma inversa colonização se tratasse, a deslocação Norte-sul é desenhada pela redistribuição de novos centros de manufactura e produção, onde as grandes potências procuram o mercado da mão-de-obra mais barata, com baixos custos de impostos e taxas de exportação, leis ambientais mais flexíveis, sindicatos mais fracos, legislação trabalhista e fiscal mais dóceis.

Os processos de urbanização, as cidades e os cidadãos não são alheios a estas mudanças estruturais. (BORJA, CASTELLS, 1997:21) Desta forma as cidades acabam por ser ao mesmo tempo palco e espectador destas movimentações. Distantes ficam assim as imagens das antigas *polis*, das pequenas e isoladas localidades disseminadas por vastos territórios, que

Fig. 3. Equador Politico, Teddy Cruz



impunham relações estreitas com o mundo exterior, e onde as fronteiras eram desenhadas por vastos territórios da natureza, do desconhecido e do medo. Para Wirth, jamais a humanidade se distanciou tanto da natureza orgânica, como sob as condições de vida características das grandes cidades que têm vindo a desenhar o território da actualidade, e nunca os discursos sobre elas tão multifacetados e plurais. (2001:45-47)

Esta nova realidade fez do ser humano um ser essencialmente urbano, o que dá credibilidade ao pensamento do sociólogo Robert E. Park, que num texto de 1915 argumentava a favor da conveniência de se fazer da cidade o laboratório de análise, por excelência, da natureza humana. A cidade, equivaleria à sociedade, mostraria a esta última a natureza dos seus processos evolutivos, dos seus equilíbrios e tensões. (FORTUNA, 2001: 1)

A par das grandes cidades do capitalismo industrial como Londres, Nova Iorque ou mesmo Tóquio, outras se têm gerado de forma rápida e incorporado de imediato no panorama mundial. Um crescimento compreensível quando nos deparamos com a nova realidade em que a cidade global pode alterar-se em função da extensão da economia global e da integração de novas cidades nas suas redes. (SASSEN, 2000,105) Esta explosão urbana, e consequente integração de novas cidades no panorama global, mostrou-se nítida, sobretudo em países ditos “emergentes”, e em cidades como Bombaim, São Paulo e Cidade do México. Estes são apenas alguns dos exemplos que se têm vindo a assumir como novas cidades-regiões, participantes no controlo da nova economia mundial.

Este crescimento explosivo deve-se fundamentalmente à concentração espacial do trabalho, das actividades geradoras de dinheiro, dos serviços, como também pela produtividade cada vez maior dos sectores económicos

de maior lucro, como a indústria e os serviços que em maior número se vieram a localizar em centros urbanos. Por outro lado, este cenário originou uma crise das actividades extractivas e agrícolas, eliminando postos de trabalho em áreas rurais, e que, conseqüentemente, se viu responsável pela ampliação do surto migratório campo-cidade.

As cidades foram obrigadas a desenvolverem-se, por isso, de um centro saturado para a margem em expansão, fazendo com que a sub-urbanização se tornasse num dos principais agentes do futuro crescimento destas cidades, marcadas por conflitos abertos e fragmentações internas, sem precedentes.

As últimas décadas ficaram assinaladas por uma série de rasgos definitivos, cada vez mais intensos e que continuam a desenhar novas geografias globais. As forças da globalização, o auge das tecnologias e o alcance e influência dos meios de comunicação, são apontados como os principais responsáveis pela intensificação da mobilidade geográfica transnacional que se descreveu sobretudo pela sua multidireccionalidade e heterogeneidade. Actualmente, as linhas que definem territórios mostram-se mais ténues. Contudo, as fronteiras ainda existem e continuam a delimitar fisicamente os territórios. Esta é, de resto, uma ideia que o presente estudo pretende aprofundar no ponto seguinte.

1.2 As Fronteiras Ainda Existem

“Insistir sobre o sítio leva-nos a questionar os limites. Estes são de duas ordens: A fronteira territorial como tal e o limite da extensão da globalização.”
(SASSEN, 2000:108)

O entendimento do conceito de “fronteira” mostra-se confuso e algo polémico. Na verdade, o tratamento das questões que lhe são próprias tem-se revelado tímido. Por outro lado, várias têm sido as vozes que enfatizam um novo momento em que as variáveis explicativas das antigas ordens deixaram de reinar, para dar origem a um novo discurso que anuncia o fim das fronteiras. Trata-se, na verdade, da necessidade de urgentes avanços teóricos, que nos permitam progredir para uma tentativa de compreender e redefinir o verdadeiro significado do termo, de maneira a entender a sua importância sobre as novas directrizes globais.

Por vezes a definição do termo fronteira é elaborada dentro de uma linha estática de puro cariz geopolítico, como as formulações que constam em dicionários e enciclopédias que em parte continuam a basear-se na concepção clássica estabelecida em 1897 pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel⁸, que a definiu como mera linha geográfica que separava dois territórios distintos, sujeitos a duas soberanias distintas que devia funcionar como um artefacto natural e necessário que proveria protecção, assim como a possibilidade de

⁸ Friedrich Ratzel (1844-1904) é considerado por muitos o fundador da geografia humana moderna, é também o responsável pelo estabelecimento da geografia política como disciplina.

intercâmbio com o mundo exterior, para ser cruzada legalmente ou para ser violada, mas nunca negociável ou flexível. Evidentemente, esta óptica oferece uma ideia simplista sobre a fronteira como uma região geográfica habitada por populações “congeladas no tempo”, e extremamente comprimidas por delimitações territoriais e estruturais.

No entanto, esta ideia da fronteira enquanto simples referência geopolítica, e como delimitação marginal e periférica de um Estado-Nação, tem vindo a ser abandonada. Questiona-se agora a sua importância como nova zona de negociações transnacionais, que deixa de ser vista como um lugar estático, e que veio a perder contornos de “fronteira linear”, para se assumir como “fronteira zona”, de interações complexas, quotidianas e dinâmicas.

O termo “fronteira” veio a adquirir uma nova carga semântica, sobretudo nas últimas décadas, entendida de acordo com uma série de novas directrizes que promoveram o enfraquecimento da função defensiva das fronteiras e consequentemente a unificação técnica do planeta, fomentada principalmente pelas economias transnacionais, que começaram a operar de forma intensa novos fluxos financeiros.

Contudo, no seu processo de difusão, a dinâmica espacial da globalização não se reduz à integração passiva das partes, pois os fluxos não são só financeiros, tendentes à homogeneização, mas também migratórios, informacionais e culturais, tendentes à diferenciação, o que promove a “igualização” numa escala global, e a “diferenciação” a uma escala urbana.

É neste sentido que as fronteiras locais são vistas como mais permeáveis e difíceis de manter, a ponto de se proclamar que “tudo é igual em todo o lado”. Muitas vezes parte-se também do princípio de que vivemos hoje em

localidades nas quais os fluxos de informação e de imagens destruíram o sentido de memória colectiva e de tradição da própria localidade, a um ponto que é o próprio sentido de lugar que se esvanece. (FEATHERSTONE, 2001:92)

Este tráfego impôs uma nova dinâmica a distintas regiões urbanas, sobretudo, localizadas em zonas de fronteira. Estas zonas, ao serem povoadas, podem evoluir ao estágio de *locus* de intercâmbio entre o país ou países vizinhos, o que as leva a assumir uma importância primordial, visto que se transformaram em verdadeiros laboratórios por excelência, empregados por forças económicas mundiais que fazem delas campos sociais de carácter mundial.

As cidades localizadas em zonas fronteiriças surgem, assim, projectadas no conceito de *megapolis transnacional*, unida não só pelo aspecto económico, como também cultural. Estas cidades viveram em primeira mão a complexidade que adveio da maior porosidade e permeabilidade da linha internacional, que não só permitiu como convidou à passagem de pessoas, ideias e símbolos. São cidades que acabaram por se tornar importantes regiões pioneiras da globalização, pela facilidade de relações, facultada pela contiguidade geográfica com outro(s) país(es). Desta forma entregaram-se a uma visão positivista, associada aos benefícios adjacentes que advêm desses contactos binacionais.

As cidades, em especial aquelas que estão localizadas em zonas fronteiriças apresenta-se como um lugar onde, historicamente, se fundem raças, povos e culturas e um terreno altamente favorável à criação de novos hibridismos biológicos e culturais. (WIRTH, 2001:51) São zonas que, pela sua quotidiana transposição, formal e informal, sofreram a perda de significado do seu sentido geopolítico literal. O resultado seguinte é que se verificou a criação

de distintos fenómenos sobretudo de carácter cultural e social, que vieram a questionar a própria identidade destes lugares.

Hoje estas zonas são por vezes visualizadas como cenário descaracterizado, onde a própria identidade é negociada com manobras de poder e submissão, e onde múltiplas culturas são adoptadas e criativamente reinventadas, como complexas e multidireccionais formas de auto-referência. Neste sentido, as culturas locais têm-se tornado mais difíceis de manter.

A compartimentação do espaço mundial revela actualmente facetas distintas e contraditórias. Se, por um lado, se tem vindo a construir a imagem de fronteira diluída, fomentada pelas forças propulsoras de um sistema financeiro global, moldadas pela tecnologia e pela difusão cultural, por outro lado, e como resposta ao enfraquecimento dos estados-nação, tem-se vindo a trabalhar no sentido de fazer reaparecer identidades e culturas em diversas partes do mundo. Estas identidades são consideradas como uma mais valia para a promoção do país ou cidade, de forma a restaurar a sua história, os seus aspectos carismáticos e os seus hábitos, ou seja, preservar particularidades que fazem de cada cidade ou país, territórios exclusivos.

Neste ponto, os limites territoriais têm ganho contornos cada vez mais definidos, contornos esses que têm vindo a ser sublinhados sobretudo por nacionalismos locais que florescem como resposta às tendências globais, tirando partido de políticas e economias próprias, projectos e actividades, de forma a fazer ascender aspectos singulares de um determinado local.

Este tipo de iniciativas é, na verdade, bastante difíceis de executar quando a área de acção são zonas de fronteiras. Na prática, estes espaços são configurados enquanto faixas de território que normalmente apresentam

características diferenciadas das demais porções do território nacional. São áreas que viveram de uma forma intensa os câmbios globais, o que lhes permitiu transformarem-se em modelos primordiais que expressam as tendências estruturais actuais, e que se encontram em processo de edificação por todo o mundo.

O conceito de “fronteira” é, na verdade, bastante ambíguo pela sua pluralidade de significados, e difícil de compreender quando se fala de um mundo global ou de uma relação mais estreita entre países. Com efeito, apesar de se estar a criar novas geografias, os muros de betão, chapa metálica e arame farpado, ainda existem, são eles que nos fazem parar e esperar, e por vezes ficar de um dos lados.



II. Fronteira México – Estados Unidos

“É uma fronteira portátil, está connosco, onde quer estejamos.”

(CAMPBELL, 1996:34)

Embora sejam vários os exemplos de acordos cooperativos em outros limites fronteiriços no mundo, o limite internacional que divide o México dos Estados Unidos é um caso completo ou mesmo exclusivo de uma região geográfica, que expõem diariamente tensões políticas e económicas díspares, hiper-fluxos, e simultaneamente um estado demente de interdependência.

Nesta fronteira podemos denotar facilmente os sintomas da globalização e compreender a força das diferenças que se vivem actualmente no mundo que se divide perigosamente entre vencedores e vencidos.

Esta proximidade física entre uma potência mundial e um país em vias de desenvolvimento não passa despercebida. As suas diferenças, no entanto, tornam-se gigantes quando apenas uma linha as separa. Essa linha funciona como um espelho: reflecte duas realidades que ouvem músicas diferentes na mesma pista de dança.

2.1 Uma Linha que é Fronteira

“Habitamos um país de fronteira. Todo o México é uma fronteira (...) entre os Estados Unidos e o mundo latino... não sei se é uma derrota ou uma questão natural.” (CAMPBELL, 1996:32)

A fronteira entre o México e os Estados Unidos representa uma das mais significativas separações entre um país em vias de desenvolvimento e uma das maiores potências mundiais. Estabelecida pelo tratado de Guadalupe-Hidalgo⁷, onde o México assinou a cedência de mais de metade do seu território frente aos Estados Unidos da América.

Esta fronteira está longe de ser uma mera linha de delimitação política. São 3,142 km de muro que separam duas realidades assimétricas. As intensas interações económicas, políticas e culturais são o resultado do desequilíbrio e interdependência, que existe entre dois lados da fronteira.

As constantes mutações deste espaço fronteiriço ao longo da história acabaram por se reflectir nas próprias relações mantidas entre os dois países. Na verdade, as permanentes cambiantes de regulamentações e políticas públicas que cada estado adoptou, e adapta, com dinâmicos processos, maioritariamente económicos que ocorrem dentro de cada país limítrofe, foram fundamentais na construção identitária desta região.

⁷ O Tratado de Guadalupe-Hidalgo foi o tratado de paz que pôs fim à Guerra entre o México e os Estados Unidos da América (1846-1848). O tratado previa a cedência de territórios do México aos Estados Unidos, com uma área total de 1.36 milhões de km², em troca de 15 milhões de dólares. Os Estados Unidos concordaram ainda assumir cerca de 3.5 milhões de dólares de dívidas mexicanas a cidadãos americanos.

A fronteira surge sobretudo como afirmação de poder norte-americano, que adoptou para a sua política económica as tendências de um moderno estado capitalista, na qual é fundamental explicitar os seus limites geográficos. Ao longo dos tempos, verificou-se que o uso da fronteira que separa os Estados Unidos e o México tem sido controlado sobretudo pelo primeiro país. Na verdade, os Estados Unidos têm tomado opções geo-estratégicas que podem ser interpretadas como decisões unilaterais e convenientes apenas a uma das partes.

Esta atitude governativa é, para muitos, vista como um simples exercício de soberania. Um caso ilustrativo desta tendência é o facto de, os Estados Unidos promoverem, quando necessário, uma certa porosidade da fronteira, controlando mas não eliminando por completo os fluxos migratórios não autorizados. Esta flexibilidade ocasional é implementada de forma controlada, para permitir a entrada de mão-de-obra barata segundo as quantidades requeridas pela sua economia.

O México tem neste cenário o papel de nação disposta a prestar uma cooperação bilateral de forma a alcançar uma maior estabilidade, sobretudo económica, encontrando no país vizinho novas oportunidades de transaccionar bens e pessoas.

Com a intenção de uma cooperação bilateral, de forma a fomentar a economia, conseguir um desenvolvimento regional fronteiriço e estabelecer um contacto confortável entre os dois países, foi em 1994 implementado o acordo de livre

comércio (NAFTA)⁸ entre os Estados Unidos da América, Canadá e México. O documento previa a liberalização do sistema de mercado, que tenderia a um efeito positivo das economias. Contudo, ao contrário do esperado, este acordo foi ao longo dos anos tomando contornos controversos, com implicações que se revelaram desfavoráveis para o México, e sem no entanto conferir prosperidade e desenvolvimento à região de fronteira. A principal implicação adveio sobretudo da construção de excessivos equipamentos industriais na franja fronteiriça. Se por um lado estas estruturaras vieram a oferecer possibilidades de emprego, o que é de facto um efeito positivo, o excesso veio a prejudicar as cidades que para além de se transformarem em autênticas cidades industriais do dia para a noite, sem qualquer tipo de planeamento urbano, originou um crescimento de fluxos migratórios até à fronteira, que se tornou destino não só para as comunidades de agricultores do interior do país como também de populações oriundas um pouco de todos os países da América Latina, que encontraram na imigração a solução fundamental para os seus problemas. Deste modo, o México começou por afirmar-se inconscientemente enquanto um país latino-americano com um papel essencialmente fronteiriço.

Historicamente, e como acima referido, o controlo na fronteira entre os Estados Unidos e o México têm alterado entre condições de maior flexibilidade e condições de maior repressão. O 11 de Setembro de 2001 foi uma data que marcou a história mundial, e

8 O Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (*North American Free Trade Agreement*) ou NAFTA é um tratado envolvendo Canadá, México e Estados Unidos da América numa atmosfera de livre comércio, com custo reduzido para troca de mercadorias entre os três países. O NAFTA entrou em vigor em 1º de Janeiro de 1994.

teve implicações em diferentes sectores ou decisões governativas à escala mundial. Uma das mais evidentes consequências directas do ataque ao World Trade Center sentiu-se no controlo aduaneiro norte-americano, no qual a fronteira com o México não foi excepção.

Uma das medidas acordadas entre os governos do México e dos Estados Unidos, depois do 11 de Setembro foi a criação de uma aliança fronteiriça que definia novas políticas administrativas. A “aliança para a fronteira” ficou selada como o primeiro acto concreto e significativo que assumiu a forma de um acordo bilateral explícito.

As novas funcionalidades da fronteira ficaram aqui estabelecidas. Os Estados Unidos pretendiam sobretudo promover a imagem da fronteira segura, procedendo de imediato ao aumento do controlo e vigilância da fronteira, como necessidade de prevenir potenciais infiltrações de terroristas estrangeiros. Com efeito, o governo Americano começou por desenhar um projecto para uma fortificação mais resistente da fronteira, de forma a suprimir de vez o “funil” sócio-cultural e económico, que consequentemente ampliou as “distâncias” que separam hoje os dois países.

O muro que até aí se desenhava bastante indefinido, foi, depois do atentado, substituído por aquele que foi imediatamente considerado como um dos maiores instrumentos de vigilância da história. Trata-se de um muro construído em colunas de betão estrategicamente espaçadas, ligados por redes metálicas, ou até mesmo estruturas em ferro, coroadas por um cerco electrificado. Este sistema de vigilância sem precedentes, veio a possibilitar o máximo de vigilância com um mínimo de reforços humanos.

Todavia, o forte controlo dos últimos anos com a intenção de impermeabilizar a fronteira, continua a ser insuficiente para fazer cessar o desejo de passar

Fig. 4. Fronteira México - Estados Unidos, Numero de Mortos





2002

371

MUERTES

2003

390+

MUERTES

2004

373

MUERTES

M I A

ao lado de lá. As transgressões são contínuas, e o número de mortes são esclarecedores: em 1996 morreram 59 pessoas a tentar passar a fronteira, um número que escalou consideravelmente até ao ano de 2000, significando um total de 370 vítimas. Este aumento explosivo dos últimos anos, denuncia, que a operação “Gatekeeper” implementada em 1994, continua em pleno funcionamento. (MONTEZEMOLO, PERALTA, YEPEZ, 2006:179)

Em todo o mundo existem inúmeras fronteiras internacionais, mas o caso desta região apresenta características únicas, já que aqui se estabeleceram populações e se desenvolveram cidades de escala e significado relevantes.

A rápida urbanização desta fronteira verificada sobretudo a partir do século XX é um fenómeno relativamente singular. A sua génese reside na implantação dos intensos processos transnacionais que se iniciaram entre os dois países e que temos vindo a referir ao longo deste trabalho. Estas relações geraram forças, e introduziram novas dinâmicas às catorze cidades-gémeas que lhe dão forma.

Vários são os estudos que defendem uma visão optimista para esta região, referindo que a flexibilidade desta fronteira promove, por outro lado, uma série de futuras possibilidades. A concretização positiva destas possibilidades poderá vir a servir de modelo para futuras melhorias qualitativas em cidades de todo o mundo. Por esta razão se refere que o estudo desta fronteira e tentativa de resolução dos problemas pertinentes que a desenham, não se revelarão úteis apenas o México e os Estados Unidos, mas também para muitos outros países.

2.2 Pontos que são Cidades

“O desenvolvimento das cidades de África, Ásia, e Latino-americanas são altamente dependentes de factores externos em lugar de seguirem a lógica do desenvolvimento económico interno (...)” (ANGOTTI, 1998: 64)

As cidades fronteiriças são jovens, isto é, a sua génese é recente, e remonta aproximadamente a um século atrás. No entanto, foi nos últimos cinquenta anos que os seus contornos urbanos começaram a denotarem-se mais explícitos.

Este crescimento foi, mais rápido e acentuado nas cidades Mexicanas, que entre 1940 e 1990 apresentaram uma taxa anual de crescimento na ordem dos 3,3% contra 2,6% das suas contrapartes Americanas. (ALEGRÍA, 1992:38) Saliente-se que estes números foram superiores às respectivas medias nacionais. Actualmente, do total de população que habita a região fronteiriça, 90% vive em uma das catorze cidades-gémeas, o que contabiliza aproximadamente um total de 12 milhões de habitantes, número este que se estima duplicado em 2020. (*ibidem*)

Esta região situada entre dois países é designada por “Third Space” e forma-se como uma espécie de enclave encostado à fronteira. Trata-se de um espaço constituído por cidades que coabitam diariamente com suas contrapartes, dando desta forma origem a autênticas cidades-região transnacionais. São zonas comprimidas por conflitos e problemas iminentes, com vivências e

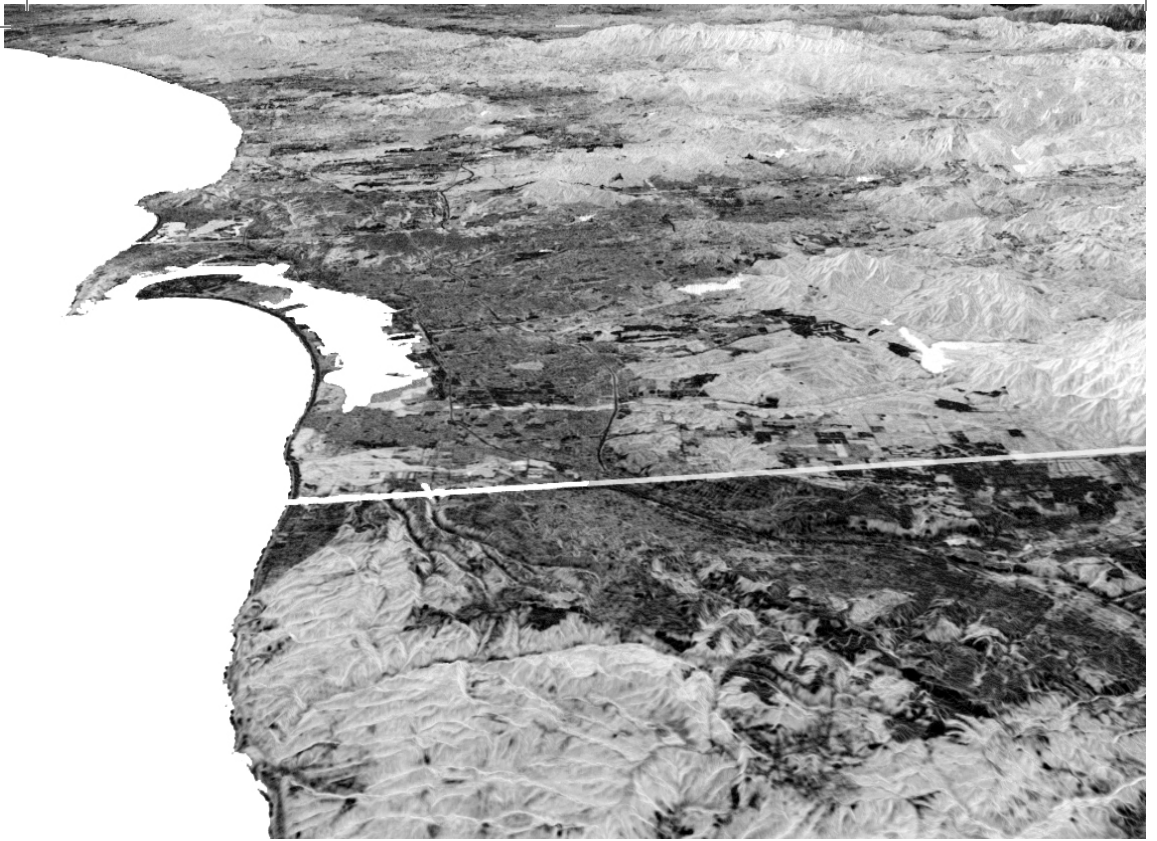


Fig. 5. Cidade-Gemea: San Diego-Tijuana



Fig. 6. Cidades-Gemeas e região de fronteira entre o México e os Estados Unidos da América

particularidades distintas dos respectivos países que, por sua vez, têm delas uma leitura imprecisa, resultante de um olhar distante.

Na verdade, as cidades ao norte da fronteira diferem de todo o território Americano, sobretudo pela sua política económica dependente e enlaçada que mantêm com o país vizinho, encontrando nesta relação grande parte da sua estabilidade e auto-suficiência, em relação ao restante território norte-americano.

Mas é sobretudo no México que esta distância se tornou mais acentuada. Com efeito, estas cidades foram tidas como periféricas dentro do conceito de Estado-Nação, sendo inclusivamente vistas pelo governo central mexicano como desertoras e até mesmo anti-nacionalistas devido à sua ânsia insistente de alcançar o lado norte. Desta forma, os centros urbanos aqui desenvolvidos viram-se cada vez mais ligadas aos desígnios dos Estados Americanos que às políticas do seu próprio país.

Por outro lado, estas são cidades que, pelo seu rápido crescimento, apresentam um défice de infra-estruturas, assim como um aumento da poluição das águas e do ar, dado o aumento do número dos transportes e de fábricas implementadas pelos Estados Unidos⁹. Todos estes factores vieram não só a inflacionar os problemas de saúde pública, como também a agravar a saúde da própria cidade, carente de uma total estruturação urbana.

Cabe hoje aos governos e organizações locais a resolução dos problemas específicos que flagelam estas cidades, difíceis de resolver quando se vêm perante debilitadas políticas urbanas e económicas.

⁹ Importante se torna salientar que até finais de 1999 as entidades fronteiriças do norte do México registavam 2.469 maquiladoras que equivaleriam a 72.4% do total nacional. (MONTEZEMOLO, PERALTA, YEPEZ, 2006: 146)

As políticas urbanas mexicanas parecem ainda hoje desfasadas ante os desafios da globalização da economia e das tecnologias, por muitas vezes, os governos municipais acabam por ser superados por acontecimentos que ocorrem numa esfera que escapa ao seu controlo.

Contudo, paradoxalmente, a era da globalização veio, por seu turno, criar ao longo dos anos enlaces cada vez mais fortes entre estas cidades vizinhas, que consistem em precedentes únicos de consolidação da região, fazendo dela a quinta maior região económica do mundo. Desta forma, estes espaços estão a ser utilizados como parte de distintos circuitos produtivos de carácter global. Na verdade, estes centros urbanos têm vindo a ser vistos como distintos lugares de reestruturação produtiva, que se têm incorporado como nós de articulação internacional, especialmente depois de 1994, altura da assinatura do tratado de livre comércio da América do Norte. As cidades de Tijuana e cidade Juárez são exemplos relevantes neste contexto, uma vez que têm vindo a incrementar a sua capacidade como plataformas produtivas e exportadoras vinculadas sobretudo aos Estados Unidos. Estas cidades gémeas, que se têm vindo a desenvolver enquanto parte do território transnacional, configuraram-se como sistemas urbanos transfronteiriços num contexto global.

Tijuana, enquanto cidade fronteiriça e, simultaneamente, como parte da cidade-gémea que constrói com San Diego, encontra-se imersa na dinâmica de cidade aduaneira. Com efeito, e como consequência óbvia da sua localização geográfica, obedece simultaneamente a outra dinâmica intrínseca à ideia de *megapolis* global que constrói até Los Angeles, e que lhe obrigou a adquirir um carácter distinto das restantes cidades de fronteira assim como de todas as cidades do México.

Actualmente, a mancha urbana estende-se desde o norte de Los Angeles até ao sul de Tijuana, ao longo de aproximadamente 350 km, representando uma cidade-região cuja importância nacional e internacional se encontra em ascensão. Muitos especialistas alegam que se Nova Iorque foi a capital do Atlântico, esta grande metrópole binacional será a capital global do Pacífico, pela sua influência económica e política no contexto global.

Este é sem dúvida, um dos locais de maior proeminência, onde se geram permanentemente as conjunções da nova ordem social, ou seja, um lugar onde cartografias mentais e materiais estão continuamente a refazer-se para criar algo novo. Neste espaço fronteiriço formam-se hibridismos culturais onde pessoas de diferentes etnias e classes, raízes geográficas e culturais convergem diariamente para refazer a região.

Neste sentido revela-se essencial rever a importância adquirida por esta cidade de fronteira enquanto um dos exemplos primordiais de relações globais e intercâmbios transnacionais, assim como repensar de que forma estas intensas inter-conexões, são as responsáveis máximas pela cidade tal como a conhecemos hoje.



III. Bienvenidos a Tijuana / Welcome to Tijuana

“Desde principios del siglo XX hasta unos quince años Tijuana había sido conocida por un casino, (...) cabarets, dancing balls, liquor stores, a donde los norteamericanos llegaban para eludir las prohibiciones sexuales, de juegos de azar y bebidas alcohólicas de su país; la instalación reciente de fábricas, hoteles modernos, centro culturales y el acceso a una amplia información internacional la volvieron una cidade moderna y contradictoria, cosmopolita y com una fuerte definición própria (...) esta ciudad es, junto a Nueva York, uno de los mayores laboratórios de la posmodernidad. (CANCLINI, 1989:293)

Tijuana, como referido no ponto anterior do presente estudo, é uma cidade que conta com pouco mais de um século de história, e foi sobretudo a partir dos anos 50 que conheceu um crescimento demográfico extraordinário. A sua localização obrigou-a desde logo a um contacto directo com o fenómeno da Globalização, tendo que compartilhar as responsabilidades das suas causas e de administrar as surpresas dos seus efeitos.

Deste modo passou de uma cidade de escala pedestre altamente concentrada com um máximo de 4km de raio, durante a década de 50, para uma metrópole

expandida mais ou menos concêntrica, onde o limite externo passou a alcançar os 9 km a ul e a Este e mais de 12 km a Sudeste, já nos anos 90. Na mesma altura, a população aumentou de 747,381 habitantes em 1990 de 1.210.820 e no ano de 2000, o que representava um ritmo de crescimento que rondava os 4.78%. Actualmente a população é de cerca de 1.600.000 habitantes, que habitam numa superfície de 1.239.49 km², prevê-se que em 2025, os habitantes do município cheguem aos 4 milhões de habitantes (ALEGRÍA, 1992: 102).

Estes números e percentagens vieram a reflectir-se de imediato na extensão e expressão territorial de Tijuana, circunstâncias que lhe conferiram o estatuto de grande metrópole fronteiriça.

Reunidas estas informações acerca da génese de Tijuana, assim como os elementos que a caracterizam enquanto exemplo sem precedentes de uma cidade que justifica a sua existência a partir da presença de uma fronteira, importa reflectir agora acerca desta delimitação propriamente dita. Assim, é essencial perceber de que forma o elemento “muro” é crucial quando se tenta descodificar o tecido urbano e formas de habitar desta cidade, ou seja, de que forma a fronteira se veio a tornar um factor estruturante e de grande importância na tendente organizativa do espaço urbano. É neste sentido que vou conduzir este estudo, e que pretendo aprofundar nos pontos seguintes.

Fig. 7. Alfandega, Fronteira internacional México - Estados Unidos



3.1 Recortes históricos

“Tijuana no nació alrededor de una plaza central, ni a la vera de un río, ni en un valle, ni en torno a una mina, ni en una bahía, ni sobre las ruínas de outra ciudad. Brotó en un lomerío y cánones de arena con piedra empacada apuntando hacia Los Angeles (...)”
(MORENO, 2005:63)

Tijuana nasce em terrenos redenhados pela guerra e cedo se revelou uma ponte das novas relações entre o México e os E.U.A⁷. A localização escolhida para a implantação desta cidade é condicionada geograficamente, na medida em que avista a fronteira internacional a Norte, o oceano Pacífico a Oeste, e conta com uma topografia acidentada nas restantes direções.

No momento de construção da cidade, a escolha de posicionamento e definição não foi mais do que uma estratégia de aproximação às possibilidades económicas provindas do vizinho norte-americano. Assim, potenciais advertências no sentido de conferir alguma ordem urbanística tomaram contornos pouco significativos.

A primeira imagem da cidade ficou desde logo marcada pela importância dessa relação que, ao longo dos anos, ficou sublinhada pela centralidade que se foi desenhando junto à porta que comunica com o país vizinho. A presunção era, sem dúvida, a de uma cidade que procurava do outro lado a sua resistência.

Desta forma Tijuana foi-se construindo e reconstruindo em concordância com o desenvolvimento económico e social do lado norte da fronteira, o

⁷ Os anos de 1846 a 1848, foram anos de guerra, onde o México perdeu cerca de 50% do seu território frente ao seu vizinho norte-americano. Desta forma se definiu a Fronteira internacional tal como a conhecemos hoje.

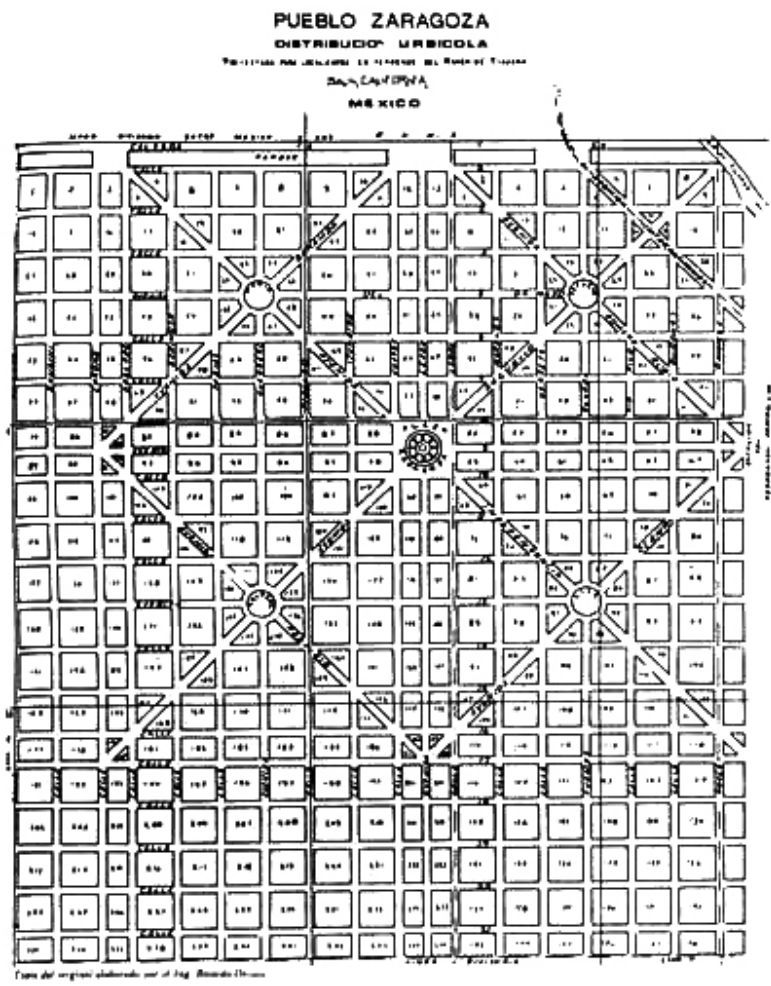


Fig. 8. Mapa de fundação da cidade de Tijuana, 1889.

mesmo será dizer, inteiramente apoiada nos Estados Unidos, adaptando-se e tentando tirar o maior proveito desta vizinhança endinheirada.

Quando se evoca o centro de uma cidade da América Latina, as imagens são atraentes: “aquelas da praça maior, dos palácios e igrejas e as imponentes fachadas dos velhos bairros coloniais.” (NERY, 2001:45). Mas Tijuana não é uma dessas cidades de origem colonial, apesar do seu plano de fundação, que data de 1889, parece ainda conter alguns rasgos dessa organização urbana, pelo cuidado e aplicação da praça maior como elemento central, onde se propunha a localização dos edifícios governamentais e religiosos. Este plano não se formava apenas em torno de uma única praça. Mais quatro praças menores, nasciam das diagonais traçadas a partir dos vértices da praça central, linhas de referência que também estão presentes no plano de fundação de importantes cidades americanas, tais como Washington e Indianapolis, projectadas em inícios do século XIX, anteriores ao plano da cidade de Tijuana.

A necessidade de demonstrar ordem e poder estão, na verdade, na origem da criação deste plano “utópico” para a cidade, facilitado pelo “boom” económico que marcou os finais do Século XIX e inícios do Século XX, possibilitado pelas novas estratégias governamental de aceder à atracção de capitais norte-americanos.

A primeira grande oportunidade de atracção a esses capitais surge no momento em que se “oferece” o proibido, ou seja, aquando do ano de 1919, data que assinala a aplicação da “Lei Seca” nos Estados Unidos, que consistia na proibição do consumo de álcool e jogos de azar. Os anos imediatos à aplicação desta lei vieram a marcar a “época de ouro” da cidade de Tijuana,

que rapidamente se organizou de forma a brindar os seus novos visitantes, que recorriam a ela para cessar seus prazeres.

O crescimento acelerado de um rancho a uma cidade não permitiu de forma alguma agarrar o plano de fundação. De acordo com alguns registos fotográficos dos inícios dos anos 20, a praça central não se tinha convertido num espaço chave, e os palácios municipais e igrejas não se localizaram directamente nela, como nos modelos espanhóis clássicos. Na realidade, foi uma das esquinas centrais, e mais próxima da linha internacional, que veio a conferir maior importância e dinamismo, atraindo os maiores aglomerados residenciais e as actividades comerciais, o mesmo será dizer, os usos do solo mais importante.

De forma inconsciente, e sem se aperceber das dimensões desta aposta, Tijuana vê nesta época desenhar-se em traços largos a sua identidade, de “cidade proibida”; “cidade de perdição” de tentações e vícios, e os primeiros rasgos da desordenação urbana, que lhe estavam fatalmente destinados.

Durante esta época, o crescente económico foi maioritariamente assegurado por este novo “turismo”, que obrigou a uma rápida mudança estrutural da cidade. A necessidade de oferecer novas actividades, bens e serviços aos visitantes foi responsável pela criação da primeira centralidade da cidade, que ainda hoje dá uso à denominação de “centralidade turística transnacional” e de centro histórico da cidade.

Com o objectivo de limpar esta imagem, entraram em vigor novos decretos de lei, de forma a transformar as funções centrais da cidade. A abolição dos

jogos do azar, a abertura do comércio livre⁸, a criação do programa “Braceros”⁹ e a implementação do programa de industrialização e remodelação urbana, contribuíram de uma forma positiva para o crescimento de novos serviços, comércio e indústrias.

Iniciativas que foram orquestradas pelo governo federal e apoiados pelo governo estatal e municipal, que também começaram a ter em atenção e dar um maior apoio ao crescimento insustentável da cidade. Através destas novas políticas, ficaram então criadas condições e incentivos ao desenvolvimento de novos pólos de absorção de capital.

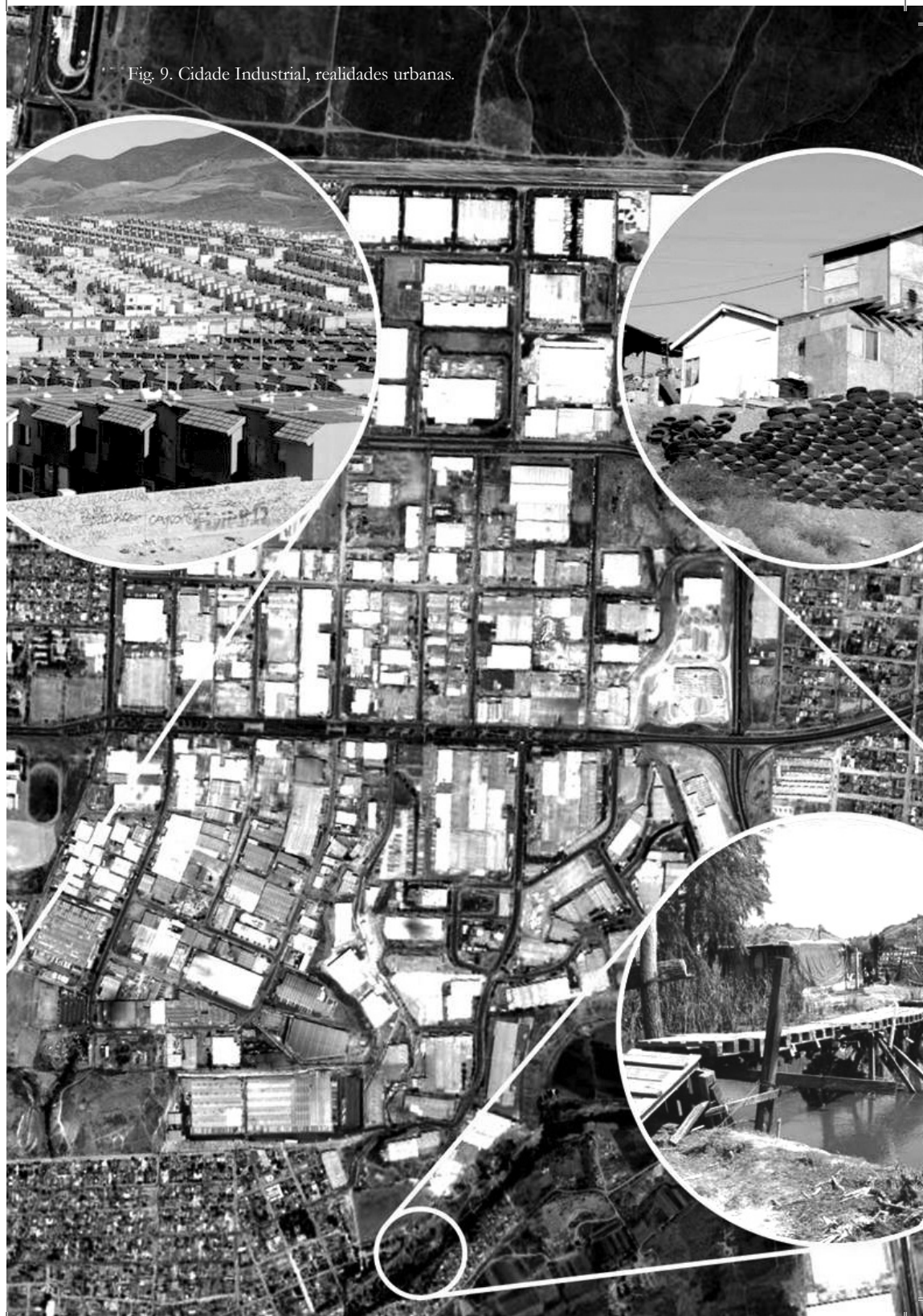
Em 1965, na medida em que a abertura do comércio livre se mostrou insuficiente e como resposta ao fim do programa “Braceros”, foi necessária uma adaptação das economias nacionais a uma nova fase do capitalismo mundial.

Desta feita e com a intenção de atingir o espectro global, o governo federal desenhou o programa de industrialização da fronteira (PIF), que tinha como objectivo primordial criar novos postos de trabalho, de forma a reencaminhar a mão-de-obra, que vinha deportada dos Estados Unidos e das zonas rurais do interior do México, que se veio a fixar na cidade com intenções de ver melhorada as suas condições de vida.

8 Esta medida permitiu a importação de mercadorias sem pagamento de impostos, sempre que consumidas dentro dos limites estabelecidos. Permitindo desta forma o florescimento do comércio, que sem duvida foi o pilar que susteve o novo bastião económico da zona fronteiriça.

9 A entrada dos Estados Unidos na segunda guerra mundial no ano de 1941, e o estabelecimento do porto de San Diego como principal porto de operações, deu origem em 1942, ao programa “Braceros” com o objectivo de sustentar a produtividade económica e militar dos Estados Unidos, promovendo, por sua vez, a entrada de muitos mexicanos no país vizinho.

Fig. 9. Cidade Industrial, realidades urbanas.



Esta nova industrialização promoveu a introdução de novos métodos de manufactura de forma a incentivar a incorporação de matéria-prima mexicana aos processos de produção.

A indústria maquiladora¹⁰ terá sido o projecto de maior alcance. Tendo-se perfilado nos finais dos anos 70, foi nas décadas seguintes que se afirmou enquanto modelo industrial que o governo mexicano impulsionou para superar a crise dos anos 90. Com este espectacular impulso da economia de Tijuana através da implantação manufactureira, a indústria maquiladora converteu-se num contrapeso ao poder comercial e de serviços. Na verdade, se por um lado foi benéfico para a cidade como nova fonte de receitas, por outro veio a surtir como um chamariz, que provocou de imediato uma atracção redobrada de imigrantes até à cidade.

O crescimento extraordinário da cidade e a incapacidade de resposta por parte dos organismos governamentais à falta de emprego, habitação e infra-estruturas, provocou a formação de um número significativo de pobres e marginais que se estenderam por toda a periferia da cidade ampliando-a a limites imprevistos. Os habitantes viram-se confrontados e entregues ao caos urbano que ainda hoje cresce de mão dadas com a cidade.

10 A Maquiladora não é uma indústria, mas um conjunto de unidades fabris de múltiplos ramos industriais. Estas são normalmente propriedade de estrangeiros, ou por eles controladas ou subcontratadas que transformam ou montam componentes estrangeiras. Os produtos fabricados estão livres de impostos e beneficiam de um regime especial de tarifas e de isenções fiscais, estes são impreterivelmente destinados ao consumo externo.

3.2 Colagens Urbanas

“ Se puede considerar que el crecimiento del rol del centro de negocios com relación al centro tradicional y el desarrollo segregativo de centros comerciales periféricos resultan de la creciente americanización de la ciudad de Tijuana.” (NERY, 2001:53)

A centralidade trata-se, à luz desta temática, uma questão intrínseca às intervenções espaciais, e geralmente, às políticas do uso do espaço urbano. Tijuana tende a afirmar desde os seus primórdios uma centralidade estrutural e funcional, com orientação vinculada à linha internacional, em especial à alfândega de San Ysidro, e mais recentemente também à de Otay.

Para compreender como se desenvolveram estas centralidades, e de forma a analisar o urbanismo da cidade, é essencial recuar até à década de 70, época que ficou marcada pelo desenvolvimento do mais importante e emblemático projecto público urbano para a fronteira (PRONAF). Este projecto teve como principal objectivo o embelezamento das suas cidades, de forma a impulsionar o turismo da região. A cidade de Tijuana, não ficou alheia a este projecto, que se perfilou de extrema importância para a cidade. Os trabalhos projectuais tiveram total incidência em duas zonas estratégicas da cidade, que se vinculam directamente ao corredor que abre portas ao país vizinho.

O centro histórico viu ampliada e “embelezada” a sua principal avenida (Av. Revolución). Por seu turno a zona rio da cidade, que até então se encontrava entregue a comunidades que ocupavam de forma ilegal estes terrenos, ganhou uma nova cara, que lhe veio a facultar o título de novo centro moderno.

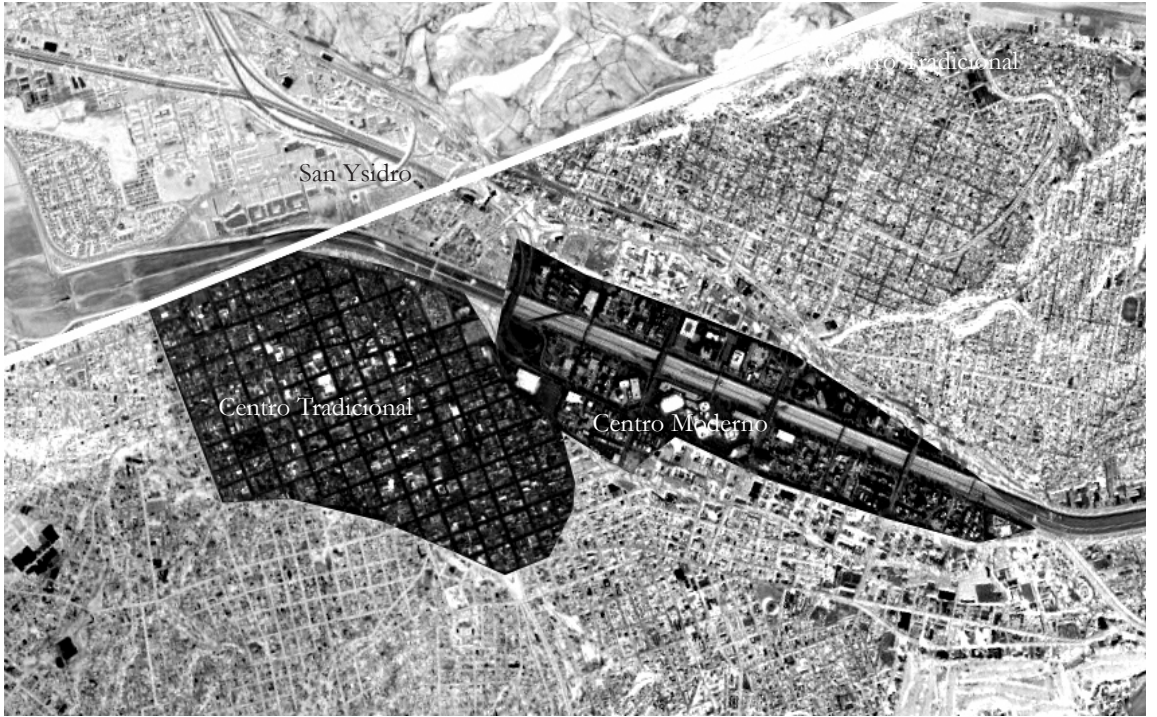


Fig. 10. Centro Tradicional e Centro Moderno

Pode considerar-se o centro histórico da cidade como a ponta do novelo emaranhado, facilmente identificável pela regularidade do seu traçado, de ruas largas e perpendiculares, bem ao estilo americano.

Os edifícios que dão forma à trama, são baixos de um a dois tipos. Neles, os pisos superiores são maioritariamente destinados à habitação, pelo que os pisos de contacto com a rua têm um cariz híbrido: durante o dia são destinados a actividades comerciais, farmácias, restaurantes, lojas e consultórios, de forte conotação popular, acentuada pela presença de vendedores ambulantes; ao início da noite, transformam-se em cabarets, bares, salões de bailes e espectáculos. Este é um fenómeno que está “mais próximo de uma performance de teatro do que um desenvolvimento urbano” (MORENO, 2005:109). Com efeito, este carácter popular confere-lhe o impulso necessário para que continue a funcionar como um centro dinâmico de grande actividade diária.

A estes factores adicionam-se outras condições essenciais à sua potencial centralidade, como a sua localização favorável à entrada e saída da cidade, que faz com que acorram a ela um grande número de turistas vindos principalmente do lado norte da fronteira, assim como as boas condições de acesso proporcionada pelo grande número de transportes públicos. Os turistas, ao chegarem à cidade, permanecem, quase exclusivamente, na Avenida principal (Avenida Revolución) que se apresenta como um mostruário de produtos e serviços que a eles se destinam, restaurantes típicos, lojas de artesanato, muitas farmácias, e o único posto de apoio ao turista da cidade.

A zona rio é considerada como segundo bairro de máxima centralidade, que tendencialmente têm vindo a consolidar a sua importância. Serve de enlace



Fig. 11. CECUT, Centro Cultural de Tijuana



Fig. 12. Rua do Centro Histórico de Tijuana

entre a alfândega internacional de San Ysidro e o antigo centro da cidade, o que veio a facilitar a entrada e saída da cidade. Esta zona conta com a melhor urbanização da cidade e é nela que se estabelecem as novas instalações administrativas do governo, do estado e do *ayuntamiento*, ou autarquia. Esta zona também se têm vindo a destacar como novo pólo cultural, é nela que se encontra o mais recente auditório, o centro cultural, salas de espectáculo e de exposições, assim como as primeiras torres de escritórios e habitações em altura ou sobre a forma de condomínios privados para as classes médias e altas. Aqui concentram-se igualmente os primeiros centros comerciais, que começaram desde logo a fazer concorrência ao mercado tradicional do centro histórico.

Junto a estas duas centralidades criadas para promover a base comercial e jurídica, e que correspondem ao centro tradicional e ao centro moderno, existem outras que se estendem à periferia da cidade, e que nasceram sobretudo a partir dos anos 50, sem ordem nem controlo.

Face a esta situação, o traçado urbano de Tijuana começou a descrever contornos cada vez mais imprecisos, o que fez com que a cidade começasse a formular uma imagem bastante fragmentada.

Na verdade, o seu urbanismo é hoje caracterizado por espaços cada vez mais difusos e desintegrados, assinalado por sérias debilidades. Tudo isto é, *grasso modo*, justificado pelo rápido crescimento populacional, e da incapacidade do governo de adquirir poder e novas políticas adequadas a um planeamento urbano eficaz.

Este desenvolvimento feroz não tem possibilitado a previsão do crescimento da cidade, nem a criação de uma base de reservas territoriais cientificamente

estabelecida.

Na sua maioria, a cidade cresceu por baixo das leis da oferta e procura, sem um plano preciso para uma evolução integral do território. Somente quando o crescimento abriu portas à especulação técnica, é que apareceram alguns estudos sectoriais para resolver os problemas mais preocupantes daquele momento, sem quaisquer visões futuras.

Neste sentido, vários têm sido os projectos que se resumem a adições à cidade consolidada, que apostam integralmente na rapidez e nos baixos preços dos processos e materiais utilizados.

Perante este cenário, é necessário resolver de forma integral e definitiva o futuro da cidade, através de um prognóstico de desenvolvimento integral a longo, médio e curto prazo, de forma a actuar em concordância com as reservas territoriais, e ainda para dar soluções práticas e eficazes ao desenvolvimento industrial e sobretudo habitacional.

Desta forma, as suas periferias transformaram-se em faixas de extrema heterogeneidade, com o aparecimento acelerado da sub-urbanização mediante a industrialização, que obrigaram à construção por parte do governo de infra-estruturas urgentes e equipamentos básicos necessários à sua fixação, sem qualquer tipo de preocupação ordenadora dos usos do solo.

Este efeito de fragmentação que caracteriza plenamente a cidade está imediatamente ligado à segregação social e urbana¹¹. De facto, a elevação

11 Entenda-se por segregação social e urbana os espaços onde se separa e exclui de acordo com condições sociais, económicas, étnicas e religiosas. No entanto, no caso de Tijuana, tratam-se de urbanizações onde as diferentes classes sociais têm o seu próprio espaço, e desta forma o espaço físico determina o espaço social.

de barreiras físicas e as distâncias sociais são factores comuns em todas as cidades de fronteira, justificada pela chegada e necessidade de aceitação de novos integrantes, que se vieram a inscrever como fundamentais no caso de Tijuana cada vez mais cosmopolita e multicultural.

Estas desigualdades tornaram-se sobretudo visíveis na criação de espaços de extrema pobreza, onde é sentido o problema de carência de serviços públicos, equipamentos e infra-estruturas, originando-se aqui espaços que funcionam como guetos comunitários, onde reina a insegurança e onde se vive em condições extremas. A curta distância destes espaços de miséria, são construídos pólos habitacionais e turísticos de luxo, por investidores norte-americanos que se vêm seduzidos pela cultura exótica Mexicana.

Estes cinturões de miséria rasgados por pólos luxuriosos, são também áreas eleitas para a construção de grandes centros comerciais, que passaram a corresponder às novas condutas criadas para a concretização de sistemas de consumo, sobretudo destinados às famílias mais endinheiradas. Assim se tem vindo a polarizar a cidade e as periferias, que têm vindo a ser agentes activos e determinantes na modificação das características relativas à centralidade urbana de Tijuana.

A cidade continua a dar resposta de forma desastrosa aos seus múltiplos centros, com o objectivo de alcançar um conjunto funcional, mas a palavra de ordem das entidades privadas parece falar mais alto, quando tenta oferecer uma nova imagem da cidade paraíso fechada entre os muros divisórios dos condomínios que coabitam com habitações precárias. Actualmente é este o pano de fundo que melhor caracteriza a realidade habitacional da cidade de Tijuana.

3.3 Duas Formas de Habitar

“El desarrollo de Tijuana es consecuencia de actos ilícitos de urbanismo.”

(PERALTA, 2005:186)

Tijuana é hoje uma cidade que se constrói sob fortes padrões de segregação espacial e social, de limites indefinidos e imprecisos. Duas formas de habitar distintas predominam e constroem a imagem da cidade, como um quadro abstracto pintado a duas cores.

Os condomínios privados constroem-se como nichos para os mais endinheirados, que contrastam directamente com as mínimas condições de habitabilidade por parte dos menos favorecidos, que acabam por recorrer à autoconstrução de habitações ilegais, ou são seduzidos à compra de casas de dimensões e condições mínimas.

Esta imagem que caracteriza a cidade de Tijuana é resultado das políticas inadequadas adoptadas pelo governo municipal, que perante a incapacidade de dar resposta às necessidades de habitação, permitiu a participação activa das empresas privadas de construção como forma alternativa de lidar com o problema.

Estas entidades privadas apareceram em grande força sobretudo nos finais dos anos 80 e intensificaram-se de forma massiva a partir da década de 90.

Ainda hoje continuam a representar nesta região uma força arrasadora e opressora, com uma lógica única de lucro através do mercado do solo, fugindo desta forma aos parâmetros que levem a uma possível produção de habitação sustentável.

Este tipo de urbanismo tende a transformar radicalmente o cenário urbano, pelo facto de possibilitar a “invasão” do território por parte dos interesses do mercado imobiliário em aliança com grupos de poder local. Não se trata de uma proposta focada, sem consequências para o tecido urbano, nem tão pouco um reflexo do bom desenvolvimento da indústria construtiva. Pelo contrário, são cada vez mais evidentes e visíveis os seus efeitos nefastos. Em suma, a principal oferta por parte destas empresas foi sobretudo a tipologia habitacional organizada segundo a lógica do condomínio privados, cercados de muros e ligadas a sistemas de vigilância.

A escolha desta tipologia, não foi aleatória. Na verdade, a opção é facilmente justificável pelas vantagens que esta oferece às entidades construtoras, que lhes permite trabalhar sob as mínimas condições legais de construção¹², maximizando, desta forma, o terreno. Além disso, as entidades construtoras impõem, normalmente um conceito baseado na rapidez e precariedade da montagem, pela utilização de materiais de baixo custo, e pela utilização de sistemas construtivos pré-fabricados, de baixa qualidade, que se traduz tragicamente na redução do preço total da obra, e das suas qualidades. Estas entidades acabam por violar várias vezes as leis municipais, não entregando o projecto dos complexos a urbanizar, para evitar a intrusão do governo local nos assuntos internos, ou ao tirar partido da ilegalidade, sendo que as construções são por muitas vezes realizadas sobre solos não aptos a urbanizar, proporcionando o risco e a vulnerabilidade do conjunto a inundações e movimentos de terras.

12 As vivendas consistem normalmente em vivendas de 30.70 m² em parcelas de 41.20m² agrupadas em conjuntos de 16 a 95 unidades à base de módulos de 4 vivendas em lotes de 200m² de superfície.

Para o governo local torna-se claramente difícil planear e regular o desenvolvimento urbano quando se confronta com a voracidade das empresas imobiliárias que não consideram em toda a sua extensão as implicações do modelo urbano fechado, e muito menos tomam em conta as condições de habitabilidade geradas, funcionando portanto, à margem do ordenamento do território. Desta forma, a falta de coordenação e cooperação entre as dependências do governo e as empresas de construções para organizar o crescimento da cidade, tem-se vindo a traduzir em consequências nefastas. A cidade desenvolve hoje na base do projecto sectorial, que procura no desenvolvimento e na criação de infra-estruturas um fim meramente especulativo, menosprezando as necessidades da maioria da população.

Tijuana, estende-se segundo um modelo insular, que originou uma cada vez maior descontinuidade do tecido urbano, amplificou a segregação espacial e promoveu a fragmentação urbana, assim como a privatização do espaço público. A paisagem urbana, repleta de gradeamentos, muros e arcos monumentais, que identificam e definem o perímetro dos condomínios, conferem-se como barreiras à integração urbana, reduzindo de forma drástica a sua permeabilidade.

Estas intervenções urbanas localizaram-se na sua maioria na periferia da cidade, pelo simples facto de aí encontrarem um maior número de áreas adequadas à urbanização de grandes complexos habitacionais e a preços bem mais acessíveis. Aquando desta localização periférica, estes pólos habitacionais constroem-se, normalmente, sem qualquer tipo de conexão à cidade, nem à rede básica de infra-estruturas urbanas, facto que levou ao aparecimento de conjuntos de habitações em territórios vazios circunscritos à cidade, sob a forma de pretensiosas mini-cidades, pelo seu tamanho e pelo

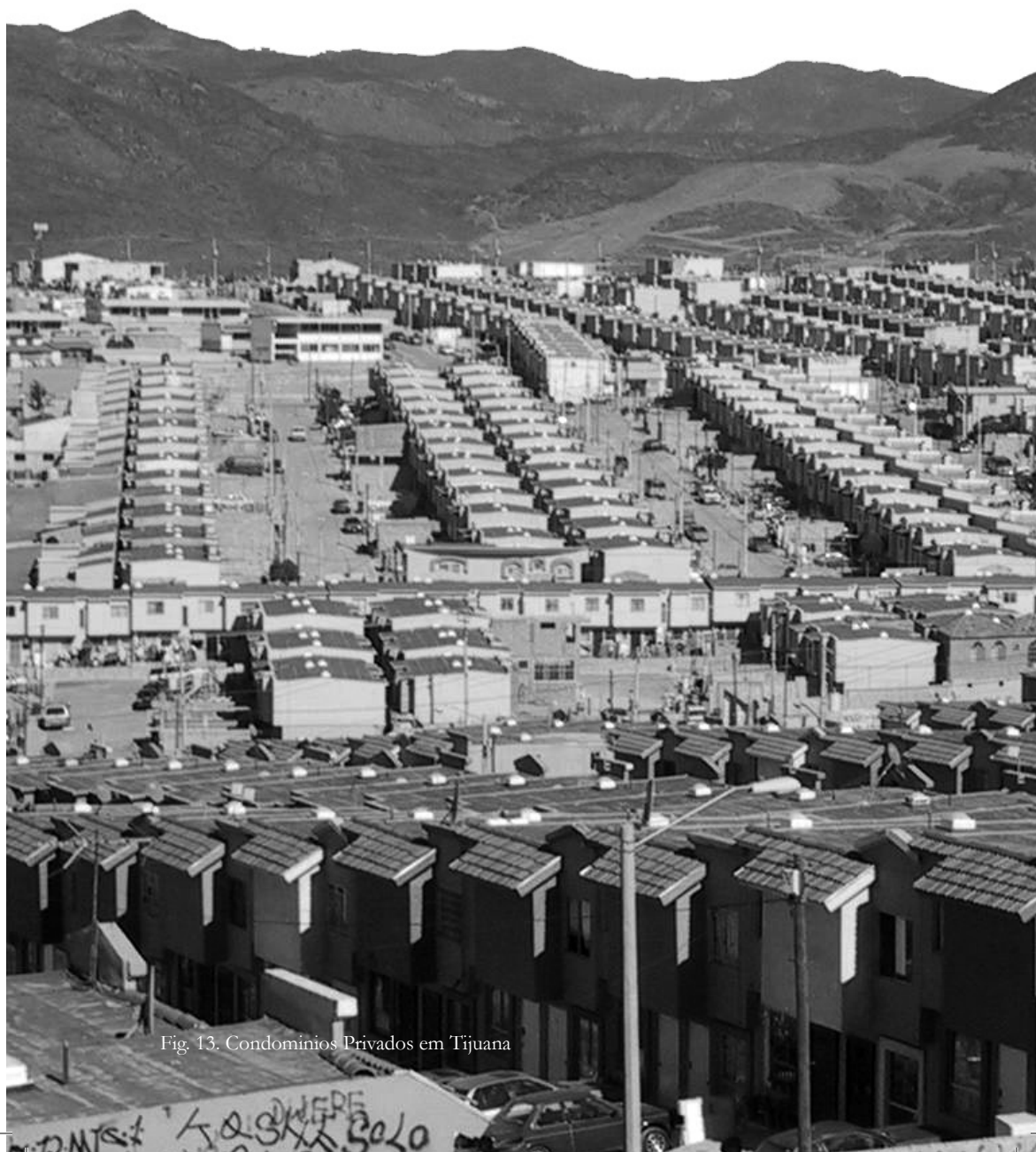


Fig. 13. Condomínios Privados em Tijuana



completo desapego à cidade mãe, que acabam invariavelmente por sofrer da sua limitada auto-subsistência.

A par destes condomínios periféricos de grande escala, outros de pequena escala considerados de luxo vieram a ser construídos, nomeadamente em zonas intersticiais à cidade, ocupando vazios urbanos que promoveram a densificação do espaço urbano.

Os muros periféricos dos condomínios da cidade surgem desta forma como barreira para cessar o contacto, o que contribuiu para sublinhar ainda mais as diferenças socio-económicas dos seus habitantes. Assim, muitos dos habitantes de Tijuana estabelecem-se primordialmente em zonas periféricas da cidade, tornando estes lugares repletos de habitações precárias, onde os moradores de fracos rendimentos constroem pelos seus próprios meios as suas casas, e normalmente sobre terrenos comprados de forma ilegal, ou até mesmo de forma invasiva, em condições de risco, sem qualquer tipo de infra-estruturas, longe dos serviços, equipamentos sociais e redes de transporte. Estas duas realidades díspares que opõem condomínios de luxo a habitações precárias, vivem à distância de um muro, e geraram um ambiente de novas tensões, de medo e desconfiança sem precedentes.

O governo municipal, para além de se mostrar incapaz de resolver problemas básicos de habitabilidade, surge também como cúmplice ineficiente na forma como eventualmente se poderá actuar sobre o problema da falta de segurança. Por esta razão a resposta privada surge novamente como solução ao combate da sensação de medo. Deste modo, as habitações, sobre a forma de condomínios privados, surgem como um anticorpo às agressividades externa e à precariedade social, que resultam segundo a forma de modelos

de exclusividade e prestígio social para as classes mais favorecidas.

Por sua vez, estas entidades empresariais utilizam estes sentimentos repressivos como forma de promover o produto “exclusivo” que têm para o mercado imobiliário. Uma das estratégias é a de tentar atrair e aludir compradores seduzidos pelo formato comunitário que pretende recuperar a nostalgia das comunidades pequenas e tradicionais. De facto, é frequente o recurso a uma utilização de símbolos que remontam à arquitectura mexicana e californiana, no intento de simular paisagens remissivas aos *Pueblos*, numa tentativa de conferir identidade e conservar os valores tradicionais. Estas são apenas algumas das mensagens sedutoras que passaram a abundar na publicidade e nos meios de comunicação e que tentam vender a utopia idílica destes complexos habitacionais.

Mas será o medo o grande responsável pelo predomínio cada vez maior de edificações de desenho defensivo com tecnologia de vigilância e de segurança privada na paisagem urbana, com a preocupação máxima de vigiar os transeuntes e o espaço? Ou será a segregação espacial criada por estes mecanismos o motivo da criação de cidades complexas, com significativos índices de insegurança provocados pelas altas taxas de delitos e pela exaltação mediática da violência que se faz sentir em territórios do domínio da má gestão urbanização, onde reina o espaço privado em detrimento do espaço público?

Este modelo habitacional vira as costas à cidade, e constrói de forma trágica a segurança e a ordem, isto é, diante do medo e do caos urbano. Na verdade, o medo e o caos são precisamente os substantivos que melhor ilustram o pano de fundo em que Tijuana se tem vindo a desenvolver. Actualmente, o

espaço que deveria ser comunitário é de domínio total do tráfego automóvel e do fervor urbano, e os habitantes tendem a concentrar-se exclusivamente nos interiores dos condomínios¹³. Perante este cenário, verificou-se uma diminuição dos usos sociais, de maneira que a ideia de “terra de ninguém”, se veio a acentuar.

Os condomínios privados são vendidos ou arrendados a preços muito elevados, precisamente para atrair famílias das classes média e altas. Desta forma, e dada a incapacidade dos governos e a “indisponibilidade” por parte das empresas para a construção de habitações para as classes baixas, a tendência é para que o “fosso” se aprofunde ainda mais, e a disparidade entre modos de vida aumente.

Em Tijuana as construções de vivendas de baixos custos foram baixas ou mesmo nulas. Por outro lado existe também pouca oferta de solo regular e apto a urbanizar. Todos estes factores contribuíram para que a irregularidade penetrasse no tecido urbano. Desta feita, as periferias de Tijuana são hoje uma colecção de bairros informais, por vezes meramente transitórios, que crescem com maior rapidez que os núcleos urbanos planificados que os rodeiam.

Ainda que a habitação “social” tenha surgido como uma das poucas oportunidades dadas aos mais desfavorecidos, na prática esta ideia veio a converter-se num negócio privado de grande rentabilidade, com algumas

¹³ Estes espaços remetem na sua maioria para o traçado ortogonal clássico das cidades modernas que se confronta com traçados viários sinuosos que exaltam o atractivo visual do conjunto, os espaços verdes localizam-se normalmente no sector central do condomínio, ou com pequenos fragmentos em cada uma das habitações privadas.



Fig. 14. Habitação ilegal

ajudas governamentais. Na verdade, os promotores imobiliários atraem os compradores de rendas baixas e médias, à compra de habitações ao estilo californiano, que exportam sob o pretexto de representarem um símbolo arquitectónico de riqueza e progresso¹⁴. Esta estratégia tipifica a deficiência de um sistema limitado e convencional para construir vivendas a preço acessível, e rapidamente estes habitantes tentam encontrar soluções rápidas e eficientes de ampliação, de forma a adapta-la segundo os seus recursos, e verem satisfeitas as suas necessidades.

Mas não apenas o estilo foi importado da Califórnia. Com efeito, em diversas ocasiões, as vivendas suburbanas das periferias de San Diego são desmontadas *in loco* e reconstruídas em Tijuana, originando um novo subúrbio. Uma vez na cidade Mexicana, os “bungalows” montam-se, normalmente, sobre estruturas de aço para ampliar as vivendas existentes, e de forma a proporcionar uma mais valia, ampliando desta forma o espaços disponíveis, nomeadamente utilizado de forma a desenvolver distintos negócios de família.

A par destas realidades de habitação, outras se constroem de forma ainda mais precária, a partir do intercâmbio entre San Diego e Tijuana. Todos os materiais residuais, de possível reutilização para a construção atravessam a fronteira para se transformarem em casas no lado mexicano. Portas de garagem, paletes, caixilhos de janelas, lonas, satisfazem de forma pouco exigente as necessidades dos Tijuanenses. No fundo, e de uma forma radical, pode mesmo afirmar-se que Tijuana se constrói a partir do “lixo” de San

¹⁴Em Ju Jun, também conhecida por Orange County, China, foram construídas 143 casas de luxo ao estilo Americano, mobiladas e decoradas unicamente com produtos deste país. É um bom exemplo de arquitectura importada como símbolo de riqueza e progresso.

Diego. Desta forma o lixo deixa de ser objecto inerte para se converter em componentes funcionais de um sistema plenamente operativo. Um exemplo desta afirmação são os pneus que cortados em forma de aro, se fixam e enchem de terra para criar, autênticos, muros de sustentação.

Estas modalidades temporais e instável de construção urbana são por muitas vezes apoiadas por instâncias de participação bastante sofisticadas, conformando uma espécie de coreografia social. Em geral, a organização da ocupação recai em indivíduos que recebem o nome de “piratas urbanos”. Estas entidades podem ser activistas comunitários ou especuladores imobiliários que se encarregam de organizar os primeiros ocupantes sobre o terreno. Também actuam por vezes enquanto promotores de mobilização comunitária para iniciar uma petição formal de equipamentos ao governo local. Neste caso a organização social precede excepcionalmente à ocupação, prevendo as infra-estruturas necessárias à comunidade. Depois, através de uma prática improvisada de construções e distribuição de bens e serviços, põe-se em marcha um processo de urbanização.

Como resposta às condições precárias que vivem a maioria dos habitantes de Tijuana, um grupo de arquitectos e investigadores pôs em marcha um projecto humanitário, “sítios Manufacturados”¹⁵, que tem como objectivo conferir uma maior dignidade à habitação precária. Este projecto passou pela criação de uma estrutura metálica de aplicação, que se assume como

15 “Sítios Manufacturados” é um projecto de Teddy Cruz com Jimmy Brunner, Giacomo Castagnola, Jota Samper Escobar, Jess Field, Brian Janamillo, Mariana Leguía, Jesus Limon, Scott Maas, Gregório Ortiz, Juan Robles, Alan Rosenblum e Ratsko Tomasevic.



Fig. 15. “bungalow” Californiano, remontado em Tijuana sobre Estrutura Metálica

provisória, de forma a conferir uma maior estabilidade estrutural às habitações. O objectivo é fazer com que os materiais residuais vindos de San Diego possam ser reaproveitados da melhor forma sobre estes módulos metálicos e que, por sua vez, possam ser consecutivamente acrescentados segundo as exigências do agregado familiar.

Desta forma, a reconversão inteligente de materiais, auxiliada pela criatividade vital e pelo impulso à sobrevivência, que se reflecte de forma natural nos assentamentos periféricos da cidade, podem através deste projecto adquirir uma maior consolidação.

Os responsáveis do projecto pretendem que estas estruturas venham a ser produzidas dentro dos domínios das indústrias locais, que tão fortemente se fazem sentir na região, e desta forma juntar o útil ao agradável.

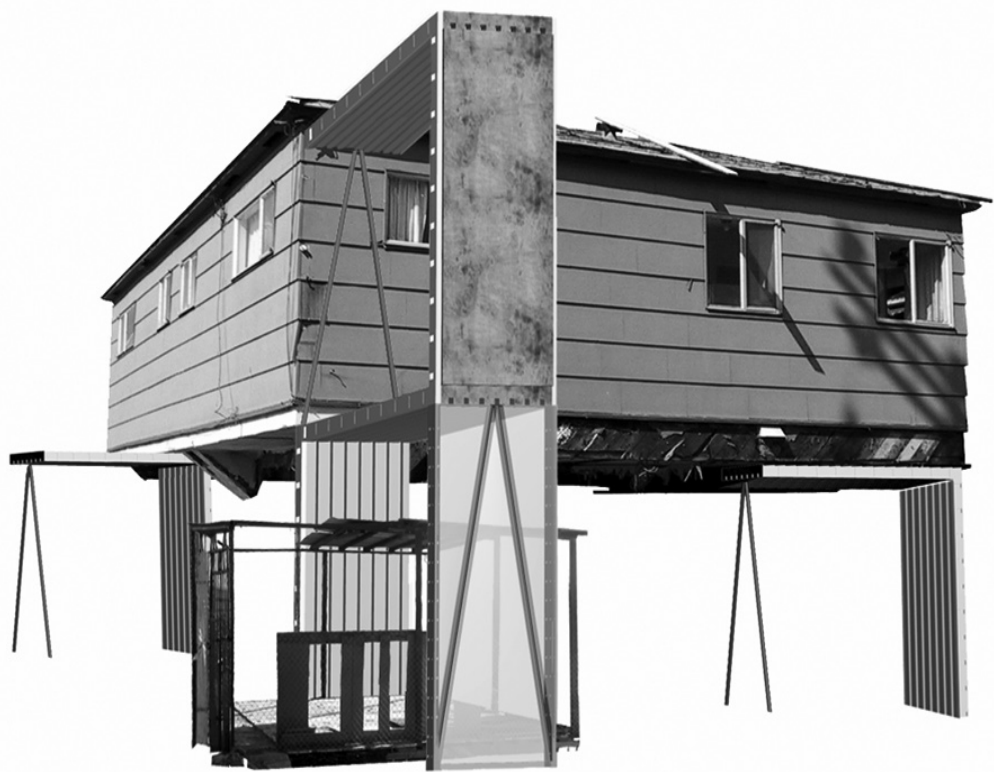
Desta forma, este pequeno artefacto poderá vir a ser o primeiro passo para a construção de um sistema de suportes mais amplo, combinando assim as dinâmicas informais com processos estandardizados de construção e produção de habitações pré-fabricadas. Este projecto permitiu não só questionar o significado da industrialização, como também a habitação no contexto destas comunidades.

Estas duas realidades, enquanto formas de habitar que mais predominam na paisagem urbana de Tijuana, destroem a imagem da cidade, conferindo-lhe traços bastante peculiares, e pouco dignos de uma cidade que se diz global. A realidade é que, nesta cidade de fronteira, a construção da geografia dos lugares é determinada pelos interesses económicos das entidades construtoras, permanentemente acima dos interesses das populações e da cidade em seu conjunto.

Esta opção habitacional, de muros que constroem as fachadas das ruas



Fig. 16. “sítios Manufacturados”



de Tijuana, remete-nos impreterivelmente para a imagem da fortificação internacional, que para além do seu carisma delimitador de duas nações distintas, é-lhe bem patente a sua função de segregar, conferindo-lhe a função de separação socio-económica de um país desenvolvido e economicamente forte, frente a um país em vias de desenvolvimento, economicamente débil. Estranho será pensar como é que esta cidade, que coabita diariamente com um muro fronteiriço, se conforma com a existência de pequenas fronteiras urbanas à imagem do muro internacional, aquele que desde sempre os habitantes de Tijuana quiseram ver destruído.

Assim é a cidade. Não têm síntese



Fig. 17. "Muro" fronteiriço nas areias do Pacífico.



Conclusão

Estar do outro lado do oceano e dos dois lados do muro que separa o México dos Estados Unidos foi imprescindível para apreender as tensões que se vivem nestes territórios que se constroem de inúmeras peculiaridades e controvérsias. Conhecer a cidade de Tijuana, a sua história e o seu urbanismo, foram fundamentais como pontos de partidas, à tentativa de clarificar dúvidas e questões relativas à cidade.

A imagem de um muro fronteiriço que separa dois países de forma tão violenta, contraria o tão apregoado mundo da era da globalização que se diz sem fronteiras, onde as distancias entre países é cada vez menor. De facto, várias circunstâncias permitiram que diferentes nações se tenham vindo a aproximar entre si, através de relações financeiras e comerciais, do desenvolvimento crescente de uma tecnologia capaz de produzir meios de comunicação mais eficazes e rápidos, o que tem conduzido a uma maior densificação de trocas e experiências, que contribuiram para a intensificação de encontros e parcerias transnacionais. Apesar de todas estas circunstâncias,

que na verdade facilitaram e facultaram uma maior aproximação de distintos países, as fronteiras continuam a existir, e um bom exemplo desta realidade é a fronteira que divide o México dos Estados Unidos. Esta fronteira, não é uma mera linha de demarcação de território, mas uma fronteira região formada por catorze cidades-gêmeas, com características e particularidades distintas dos seus respectivos países. Estas cidades viveram de antemão e de forma intensas as causas e efeitos da globalização, pelo facto de que, para além da ligação assegurada em redes de conexão possibilitadas pelas novas tecnologias, o contacto é também ele desenhado pela proximidade geográfica.

Das cidades que constroem a região de fronteira, Tijuana é a cidade do lado sul a que tem vindo a construir uma maior importância, e assumir as responsabilidades de uma cidade global. Esta cidade, para além de fazer parte desta região que se constrói de um lado e de outro da fronteira, desenvolve também até Los Angeles uma *megapolis* transnacional, que se pode considerar actualmente a grande cidade do Pacífico.

Por estas razões, a própria localização da cidade não passa despercebida. Trata-se de uma localização estratégica que se tem vindo a traduzir em consequências nefastas ao bom funcionamento da cidade, mas paradoxalmente esta localização é também ela, uma salvaguarda à sua sobrevivência, pela proximidade à vizinhança endinheirada. Como se de uma plataforma se tratasse, Tijuana foi vista como uma oportunidade ou um ponto de passagem que levaria ao sonho americano. Essa imagem de porta que levaria ao outro lado contribuiu de forma extraordinária ao seu rápido crescimento demográfico, o que veio a reforçar a ideia de que mais de que a fronteira entre o México e os Estados Unidos, Tijuana nasce com o pré

requisito de porta de entrada entre a América latina e os Estados Unidos da América.

Compreender o seu urbanismo, e os rasgos do seu tecido urbano não é tarefa fácil, quando se avista uma cidade que cresceu e continua a crescer segundo uma lógica pouco prudente e assumidamente rápida, com poucos planos de reconversão assegurados pelo governo municipal, que apresenta uma política urbana frágil e uma atitude pouco determinante. Ao longo da sua história, é facilmente perceptível que o seu desenvolvimento urbano ficou desde logo desenhado pelo importante corredor que nos leva ao país vizinho, e foi contíguamente a este que se localizaram as principais centralidades da cidade. Hoje a cidade apresenta-se cada vez mais fragmentada ao nível urbano e é de notar as diversas centralidades que nos últimos anos se tem vindo a assumir naquele espaço.

A par desta fragmentação, também a segregação sócio-espacial tem vindo a caracterizar a cidade, consequência óbvia da tipologia de habitação em condomínio privado construídas por empresas de construção privadas, que acabam por se traduzir em guetos comunitários, como solução imediata de tranquilidade e segurança, que apenas contribui exponencialmente para exaltar diferenças sociais e económicas, e que obviamente levou à perda do espaço público e recreativo.

Contíguos a estes muros que desenharam os perímetros dos condomínios para as classes mais favorecidas, constrói-se um tipo de habitação irregular, que é a salvaguarda dos habitantes com poucos recursos. Na verdade, eles constroem com os seus próprios meios e com materiais precários, em muitos casos enviados de San Diego como lixo, ou restos de materiais de

construção, para serem reutilizados em Tijuana, em terrenos comprados ilegalmente, ou em muitas vezes tomados sob actos de invasão. Este tipo de habitações que surgem de forma “espontânea”, de facto, não chegam a ser arquitectura propriamente dita, mas apontam para o fundamental da disciplina. Interessante se torna sem dúvida prever de que forma é que o urbanismo informal de Tijuana antecipa modelos de densidade e intensidade programática, que estão redefinindo as noções contemporâneas de habitação e urbanismo.

A temática que abordo ao longo da prova é sem duvida uma questão bastante actual que tem suscitado um interesse crescente ao longo dos anos. Esta região de fronteira, e nomeadamente a cidade de Tijuana, tem sido utilizada como caso de estudo, pelas suas especificidades de grande cidade que cresce encostada a um muro fronteiriço. Tais estudos têm-se centrado, sobretudo, nos porquês da crescente migração, e dos seus consequentes impactos demográficos, económicos, sociais, culturais e políticos. Mas, lamentavelmente, estes estudos não têm vindo a ser cruzados, nem tão pouco dirigidos de forma a compreender a evolução do tecido urbano, que se poderia vir a traduzir num apontar de problemas e numa série de propostas de resolução.

A natureza contraditória e conflituosa dos urbanismos de fronteira representa uma oportunidade construtiva, e daí a pertinência em tentar compreender de que forma a arquitectura pode e deve trabalhar no sentido prioritário de utilizar essas oportunidades ou singularidades para resolver problemas reais da sociedade.

As mudanças sociais, culturais, económicas e demográficas promovem uma nova forma de entender a arquitectura. Um dos grandes problemas da nossa profissão é que, de uma forma geral, foi alinhada à homogeneização, à privatização e ao neo-liberalismo económico, é necessário reorientar a arquitectura até sectores precários, não menosprezando a função de responsabilidade social da Arquitectura, que realça a intenção de ajudar as comunidades a concentrarem-se num âmbito específico de operações para que em conjunto com as comunidades encontrar novas ideias ao nível sobretudo da habitação. Devemos voltar a questionar temas de desenvolvimento económico e políticas urbanas, uma relação que tem vindo a ser desprezada pela disciplina de arquitectura.

Para a elaboração desta prova teórica, como já referido acima, foi muito enriquecedora a viagem que tive a oportunidade de experienciar. Nos 25 dias que passei em Tijuana e San Diego pude constatar pessoalmente e observar esta realidade *in loco*, o que também me impulsionou a enveredar por este tema que considero de máxima pertinência. Esta aproximação académica não pretende ser inovadora do ponto de vista teórico, mas sim conciliadora de uma série de reflexões dispersas sobre a realidade que se vive em locais fronteiriços, onde a ordem urbanizadora única é determinada pelas necessidades reais de uma população pobre, tão perto e tão longe de uma vida melhor.

Conhecer pessoalmente esta realidade também me proporcionou o contacto com intervenientes directos, como o arquitecto Teddy Cruz, que tem vindo a desenvolver um trabalho prático nesta área da arquitectura, faço minhas as palavras deste arquitecto, que diz acreditar que a arquitectura é uma das poucas profissões, que pode ser verdadeiramente inclusiva. Na verdade, creio

que isso passa também por repensar a função da própria profissão: enquanto arquitectos, deveríamos ser figuras muito mais activas em particular no que diz respeito à criatividade. Mesmo correndo o risco de defender uma utopia, apecebo-me, através da viagem de campo e desta reflexão teórica, que importa que as nossas aspirações sejam produzir uma arquitectura para todos.

Assim, esta abordagem teórica, mais do que inovar, pretende lançar questões para futuras reflexões. Discussões estas, que acabam por tocar não só na Arquitectura, mas também abarcar áreas muito mais abrangentes, como a Sociologia, a Economia, a política e a Antropologia.



TIJUANA 08



Bibliografía

- ACOSTA, Jesús Ángel Enríquez, *Ciudad de muros: Socialización y Tipología de las urbanizaciones cerradas en Tijuana*, in *Frontera Norte* n°38, México: El Colégio de la Frontera Norte, 2007;
- ALEGRÍA, Tito, *Desarrollo Urbano en la Frontera México-Estados Unidos*, Consejo Nacional para la Cultura, 1992;
- ANDREU, Paul, *Borders and Borderers*, London: Architectural Design, 1999;
- ARANTE, António, *A Guerra dos Lugares* in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaios de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;
- BAIRD, David, HEINTZ, Eirik, *Bi-nacional Communities and the Unregulated Colônia*, London: Architectural Design, 1999;
- BERMAN, Marshall, *Tudo o que é Sólido se Dissolve no Ar*, Viseu: Edições 70, 1989;
- BILDT, Carl, *Cidadania e Novos Poderes numa Sociedade Global* in *Conferência Internacional Cidadania e Novos Poderes numa Sociedade Global*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: Don Quixote, 2002;
- BORJA, Jordi, CASTELLS, Manuel, *Local y Global, La Gestión de las Ciudades en la era de la información*. Madrid: Taurus, 1997;
- CAMBELL, Federico, *Tijuanenses*, México: Alfaguara, 1996;
- CANCLINI, Néstor García, *Culturas Híbridas. Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad*, México: Grijalbo, 1989;
- CASTELLS, Manuel, *La Cuestion Urbana*. Madrid: Siglo Veintiuno, 1979;
- CASTELLS, Manuel, *A Era da Informação, Economia, Sociedade e cultura*, Madrid: Alianza, 1998;
- CRUZ, Teddy, *The Tijuana Workshop* in *Architectural Design - Architecture of the Borderlands*, CRUZ, Teddy, ANNE, Boddington (ed.) London:

Academy, 1999;

DELANDA, Manuel, *Extensive Borderlines and Intensive Borderlines in Architectural Design - Architecture of the Borderlands*, CRUZ, Teddy, ANNE, Boddington (ed.) London: Academy, 1999;

DIAZ, Uliss, LECLERC, Gustavo, *TJ: The Flexible Border in Architectural Design - Architecture of the Borderlands*, CRUZ, Teddy, ANNE, Boddington (ed.) London: Academy, 1999;

FEATHERSTONE, Mike, *Culturas Globais e Culturas Locais*, in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaios de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

FORTUNA, Carlos, *sociologia, cultura urbana e globalização in cidade, cultura e globalização*, FORTUNA, Carlos, (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

FRIEDMAN, Thomas L, *The Lexus and the Olive Tree*, New York: Anchor Books, 2000;

GIDDENS, Anthony, *O mundo na era da globalização*, Lisboa: Editorial Presença, 2000;

GODARD, Francis, *La Ville en movement*. Baume-Les-Dames: Gallimard, 2001;

KLERK, de Frederik, *Prioridades Globais após o 11 de Setembro* in *Conferência Internacional Cidadania e Novos Poderes numa Sociedade Global*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: Don Quixote, 2002;

LEFEBVRE, Henri, *Le Manifeste différentialiste*, França: Idées, 1970;

MOMMAAS, Hans, *Modernidade, Globalização e Crise do Modernismo Social*, in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaios de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

MONTEZEMOLO, Fiamma, PERALTA, René, YEPEZ, Heriberto, *Aquí es Tijuana!*, London: Black Dog, 2006;

MORENO, Diego, *Metrópoli, Entre La Rumorosa y el Oceano Pacífico*, Tijuana: Bajades de México, 2005;

NERY, Jesús Aguilar, *Centros y Fronteras. Una interpretación de las centralidades urbanas en Tijuana 1889-2000* in *El Bordo: Retos de Frontera* n°7, Tijuana: Universidad Iberoamericana – Noroeste, 2001;

O’CONNOR, Justin, WYNNE, Derek, *Das Margens Para o Centro*, in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaios de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

OHMAE, Kenichi, *The end of the Nation State: The Rise of Regional Economies*, New York: The free Press, 1995;

OWEN, David, *Organizações Regionais/Internacionais in Conferência Internacional Cidadania e Novos Poderes numa Sociedade Global*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: Don Quixote, 2002;

PERALTA, René in *Aquí es Tijuana!*, MONTEZEMOLO, Fiamma; PERALTA, René; YEPEZ, Heriberto (ed.), London: Black Dog Publishing, 2006;

PUIG, Andrés Fábregas, *Las Fronteras como Fenómenos históricos: el caso de México*, in *Las Fronteras en Iberoamerica Apontaciones para su Comprensión histórica*, RAMIREZ, David Pinera (ed.), México: Universidad Autónoma de Baja Califórnia, 1994;

RAMÍREZ, David Pinera, *Similitud de modelos de urbanización en la región fronteriza de México y Estados Unidos*, in *Las Fronteras en Iberoamerica Apontaciones para su Comprensión histórica*, RAMIREZ, David Pinera (ed.), México: Universidad Autónoma de Baja Califórnia, 1994;

ROMERO, Fernando/ LAB, *Hiper-Border. The contemporary U.S-Mexico border and its future*, New York: Princeton Architectural Press, 2008;

SASSEN, Saskia, *La Ciudad global: Una Introducción al concepto y su historia* in *Mutaciones*, KOOLHAAS, Rem (ed.), Borbeaux: arc en rêve centre d'architecture, 2000;

SIMMEL, Georg, *A metrópole e a vida do espírito*, in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaio de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

STIGLITZ, Joseph, *Globalization and its Discontents*, New York: Paperback, 2003;

SUSSER, Ida, *La Sociología Urbana de Manuel Castells*, Madrid: Alianza, 2001;

SWEET, Alec Stone, *Cidadania Transnacional e Sociedade Global*. in *Conferência Internacional Cidadania e Novos Poderes numa Sociedade Global*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa: Don Quixote, 2002;

VARGAS,Ruiz Benedicto, *Tijuana, entre el estereotipo y la realidad* in *El Bordo: Retos de Frontera n°13*. Tijuana: Universidad Iberoamericana-Noroeste, 2004;

WIRTH, Louis, *O Urbanismo como modo de vida*, in *Cidade, Cultura e Globalização, Ensaio de Sociologia*, FORTUNA, Carlos (ed.) Oeiras: Celta Editora, 2001;

Páginas Internet

www.generica.blogspot.com
www.worldviewcities.org
www.archinet.com
www.nomada.blogs.com
www.rs.resalliance.org
www.onesmallproject.com
www.supersudaca.org
www.redalyc.uaemex.mx

Créditos Fotográficos

(Todas as imagens não referenciadas são da autora)

Fig.1. <http://network.nationalpost.com/np/blogs/francis/US-MEXICO%20BORDER-WALL.jpg>

Fig.2. ROMERO, Fernando/ LAB, *Híper-Border. The contemporary U.S-Mexico border and its future*, New York: Princeton Architectural Press, 2008;(pag. 6-7)

Fig.3. Fig. 4. Fig. 9. Fig. 13 Fig. 14 Fig. 15 Fig. 16. Fig. 17. **Imagens cedida** pela Arquitecto Teddy Cruz

Fig.5. http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/San_Diego-Tijuana_Metro_3D_Map.jpg

Fig.7. <http://www.panoramio.com/photos/original/6805550.jpg>

Fig.8. <http://www.tijuana.gob.mx/ciudad/images/historia/zaragoza01.jpg>

Fig.18. http://www.flickr.com/photos/padu_merloti/538120146/sizes/o/

Agradecimentos

As últimas palavras são de sinceros agradecimentos a todos aqueles que à sua maneira, tornaram estas páginas possíveis.

À minha mãe e ao meu pai

Ao meu irmão

À minha avó

Aos meus Amigos, um especial obrigada à Susana pela “forma”, ao Mário pelas dicas “técnicas” e ao Afonso por ter estado sempre “deste lado”

Ao Arquitecto Teddy Cruz

